

a profundezas anímicas e as atitudes espirituais. A quem procura as forças junto a mim eu forjo a força da fé na vida com meu martelo mágico. Da terceira ouviu-se o seguinte: eleva o teu olho espiritual em minha direção quanto os enigmas da vida te afligem. Eu teço os fios de pensamentos em labirintos de vida e profundezas anímicas. Quem cultivava a confiança em mim eu faço raios de amor na vida em meu tear mágico.- Boa noite

EDITORIAL

A atual edição do Periódico, que novamente se apresenta em números duplos, não estava na nossa programação e por isso demorou um pouco. Esperava-se que com a venda dos DVDs do congresso não seria necessária essa transcrição. Porém, observamos que o nosso planejamento da venda não foi acolhido e, como é muito importante para a Federação ter os conteúdos dos Congressos Brasil registrados, apresentaremos as principais palestras neste compêndio. Bom teria sido apresentar tudo, mas nos teria levado a um número triplo.

Gostaríamos de apresentar alguns resultados do programa vigente na Federação para promover encontros de Grupos Disciplinares. Assim, professores de classe e interessados no ensino de Matemática do 1º ao 5º ano reuniram-se no Colégio Waldorf Micael, num final de semana, de sexta a domingo. Em clima descontraído e acolhedor os colegas dessa escola apresentaram um trabalho envolvente de aprofundamento. O mesmo aconteceu com os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio que se reuniram no dia 22/9 na Federação e marcaram a próxima reunião para o dia 27/10. O Grupo de Ciências mantém os seus encontros de Prática Pedagógica e aprofundamento metodológico, aos finais de semana, contando cada vez com um maior número de participantes. Também tivemos a importante visita de Conradt Oliver, dirigente da Seção de Matemática e Ciências que desenvolveu um interessante trabalho tanto em Geometria Projetiva quanto em Matemática.

É bom consultar o site de Federação para saber da programação dos cursos e eventos. Além da programação do encontro dos professores de Língua Portuguesa, ainda contamos com a programação de Geometria Projetiva, nos dias 24 e 25/10; e de Matemática, nos dias 26 e 27/10 na Escola Waldorf Rudolf Steiner.

Pela coordenação do Periódico
Eleonore Pollklaesner

III CONGRESSO BRASIL DE PEDAGOGIA WALDORF.

Bauru –17/22 de julho de 2011

Transcrição das palestras de:

Palestrante principal do evento Michaela Gloeckler

Palestra de abertura

Tema da palestra: 100 anos de Pedagogia Waldorf

Depois dos discursos de abertura, a doutora Michaela Gloeckler tomou a palavra:

Neste momento a minha tarefa é falar a respeito dos 100 anos de Pedagogia Waldorf e de seu fundador, Rudolf Steiner. E terminar pontualmente às 9 horas. Eu espero que com a união das nossas forças – minha e da Dra. Sonia, como tradutora –, nós consigamos.

“Há cem anos, Rudolf Steiner deu impulso à cultura e foi impressionante como, nesse ano, surgiram muitos relatos de atividades na imprensa e três biografias sobre Rudolf Steiner de pessoas não vinculadas à Antroposofia. E uma das coisas que mais me tocou foi uma biografia publicada no semanário alemão ‘Die Zeit’ – O Tempo – escrita por uma jornalista muito crítica, mas muito boa. Ela resumiu o seu longo artigo na seguinte frase: *Rudolf Steiner foi o único reformador idealista que na passagem do século 19 para o século 20 conseguiu ser aprovado no teste da prática.*

E se nós olharmos para esse teste da prática, veremos que ele é bastante significativo. Todos falam de movimentos ecológicos; existem várias cadeiras nas universidades sobre engenharia ambiental, ciências ambientais, comunicações ambientais. *Bio* já se tornou um conceito e deixou de ser um xingamento. Mas se questionarmos de onde veio, notaremos que todos são desenvolvimentos de aspectos trazidos por Rudolf Steiner. A primeira agricultura biológica foi a biodinâmica. Observando, por exemplo, um país como o Egito, que hoje em dia tem uma grande produção de algodão, vamos descobrir que é de origem biodinâmica. E pensando que, por exemplo, 80% desse algodão são cultivados de forma biodinâmica, e que tudo isso vem acontecendo num espaço de tempo de vinte anos, isso até parece um milagre! Lembremos da fazenda Sekien, que

seja, um caminho cognitivo totalmente consciente. Um caminho que não é dado pessoalmente a nós, mas nos é dado para que nós possamos nos compreender como uma parte de toda a evolução da humanidade. Cada um trilha o seu próprio caminho e faz medicações que são importantes para si, da maneira como é necessário para si, ou fala uma oração necessária para si. Temos também cada um de nós o nosso meio circundante dado pelo destino com o qual nós temos que lidar. Mas em terceiro lugar vem a questão de que maneira eu estou trazendo algo para a evolução da minha época. E para essa terceira pergunta: o que é necessário para a época atual, para a humanidade, como conseguir me colocar numa relação consciente? E para isso há esses dezenove passos consecutivos para essa grande meditação; sete mais doze servem para eu descobrir de que forma eu posso contribuir para o meu tempo, para a humanidade. Lidar com isso ajuda enormemente tanto na vida pessoal quanto social, principalmente nessa representatividade diante da humanidade. Não se costuma falar muito sobre isso, não se faz um trabalho de lobby. Algumas pessoas, de repente, têm esse desejo e querem chegar, outros ficam sabendo de alguma forma e se aproximam. O caminho sempre é individual e não se faz grande alarido. Eu fiquei muito contente, como também Johannes Kühl, há três anos atrás, quando foi feita a pergunta e houve um lugar, um espaço para poder falar de uma outra forma sobre esse assunto. Do meu ponto de vista, o que tenho a dizer é que quando se conhece esse caminho com os 19 exercícios, torna-se mais fácil suportar essa vida atual. Inicialmente parece ser um novo desafio, mas depois se percebe que é aquilo que nós necessitamos atualmente para compreender com maior profundidade, porque a nossa época socialmente é mais difícil do que antigamente, que essas dificuldades antes aumentam do que diminuem. Terminaremos agora repentinamente o conto de Rudolf Steiner. Prestem atenção como a vontade da primeira mulher tem a necessidade de esperança; o sentir precisa de coragem; e o pensar necessita de amor. Cura se a ciência por meio de amor; a arte precisa de coragem, vontade de estruturação, e a religião, o religioso é a fonte da esperança. Se isso se torna vivo e há inter-relacionamento, isso nos conduz a uma iniciação pela vida, é o que nós necessitamos atualmente. Foi lido o conto da fonte:

Disse a primeira: pensa sempre em mim quando te sentes solitário na vida. Eu atraio o olhar anímico do ser humano para distâncias longínquas etéreas, para amplidões estelares. A quem quiser me sentir eu ofereço o trago da esperança de vida de meu cálice mágico. Também a segunda disse: não me esqueças nos momentos que ameaçam a tua coragem de viver. Eu conduzo os anseios do coração do ser humano

estão se exercitando no que é tão difícil. Portanto, o primeiro passo quando se chega ao processo de cognição é desenvolver um órgão de percepção para as outras pessoas; o segundo passo é transformar essa percepção em exercício social. Perguntar a si mesmo como é que tem de se comportar para poder ajudar os outros que estão a caminho; o terceiro passo é exercitar isso até que se tenha prazer, se torne uma vontade por alegria. Só então é que se elaborou de forma bem humana essa vivência de conhecimento. Portanto, essa primeira condição de trilhar o caminho necessita da segunda condição no sentido de que se torne tudo uma competência que se possibilite ser suporte para tudo isso. Assim, a terceira condição torna-se, é uma conseqüência lógica. Por exemplo, se vocês aqui no Brasil vão constituir uma nova escola Waldorf, então os pais pensam que vocês são pessoas ligadas à pedagogia Waldorf. Claro, eles pensam que vocês são capazes porque trilham esse caminho. E quando vocês formam um colegiado, os pais pensam que vocês trabalham muito bem em conjunto. Então o terceiro passo: acabamos de ver como os pais, alunos e os professores trabalham em conjunto, uma representatividade maravilhosa de trabalho em conjunto. Mas todos nós que vimos isso sabemos quanto trabalho custa, e quantas pequenas superações pessoais, custos e questões financeiras para conseguir a representatividade dessa escola. E como isso não é uma tarefa fácil. Rudolf Steiner fundou essa nova escola para adultos e para querer entrar nela é preciso trazer a vontade de querer trabalhar nela e estabeleceu essas três condições.

Não é uma condição de já se saber algo, mas que se esforce para conseguir. Vocês já podem perceber que se no colegiado de professores há dez pessoas que têm a intenção de seguir esse caminho, mesmo que ainda não tenham condições de fazer bem, mas ter a intenção de fazê-lo, a situação desse colegiado já melhora, simplesmente porque existe uma orientação conjunta de querer trabalhar individualmente na direção social, cultural. E a segunda regra que Rudolf Steiner deu nessa direção para a escola, quando já se deu o passo de aderir a essas condições, é um caminho que se dá em 19 passos. Inicialmente são sete passos de meditação, que permitem confrontar-se com o fato da existência do mal, segundo que permite lembrar-se das forças que nos ajudam a superar este mal; terceiro lugar, que se consiga, a partir disso, desenvolver as forças para se aproximar de forma consciente do caminho para o limiar do mundo espiritual. Então, do outro lado do limiar, mais 12 passos até o encontro com nosso eu próprio superior, encontrar também os anjos, arcanjo e os outros seres das hierarquias que conhecemos com as religiões e que querem nos acompanhar durante essa trajetória. E a figura central nesse caminho é o Cristo em nós. Ou

existe há trinta anos e foi a obra de um só antropósofo. Observemos o nosso movimento pedagógico Waldorf, pensando que há 92 anos surgia a primeira escola em Stuttgart. Minha gente, imaginem: 92 anos é a expectativa de vida de um ser humano! Seria possível algumas pessoas com 92 anos estarem sentadas aqui. Ou seja: temos que ter em mente quão jovem é esse movimento!

A medicina antroposófica é ainda mais jovem, têm apenas 90 anos, é uma 'lady jovem'. Nós estamos festejando agora os 90 anos da primeira clínica antroposófica que, portanto, foi fundada 90 anos atrás. E junto com ela o laboratório da Weleda. Hoje, nos Champs-Élysées, em Paris, encontramos uma loja super moderna com cosméticos da Weleda. Nem podemos imaginar que isso exista há apenas 90 anos. Por menor que o nosso movimento aparenta ser, em realidade, ele é muito grande. Então, 92 anos depois, há mais de 1000 escolas Waldorf no mundo e não sabemos quantas escolas mais existem que são inspiradas no sistema Waldorf. Na China continental, o movimento começou há sete anos e agora existem aproximadamente 100 iniciativas de jardins de infância e vinte iniciativas de escolas. De onde vem nisso? Nos EUA, existe o movimento das escolas 'Charter' inspiradas na pedagogia Waldorf. É um movimento enorme. Na Suíça existem mais professores Waldorf que ensinam em escolas públicas do que em escolas Waldorf. Por quê? Por que na Suíça há a liberdade didática, os alunos precisam saber fazer determinados exames e precisam estar preparados para isso. Já como esse ensino é feito fica por conta da liberdade do professor. Quem tem a formação oficial de professor e tem a formação Waldorf tem as melhores chances de ser contratado nas melhores escolas da Suíça, porque ele tem uma complementação específica.

Na medicina: em 1921, havia uma pequena clínica com 15 leitos e nove médicos. A doutora Ita Wegmann, fundadora dessa clínica, então, perguntou a Rudolf Steiner que nome dar a esta instituição. E ele respondeu: Instituto Clínico Terapêutico. Nesse instituto deveria ser feito o trabalho científico. Cada paciente era, assim por dizer, um novo âmbito de pesquisa, e junto havia um pequeno laboratório da Weleda e da Wala. Aqueles laboratórios grandes surgiram desse primeiro impulso. Não estou dizendo isso aqui para provocar elogios, pois obviamente precisa haver pessoas engajadas nessas atividades. Porém, digo isso porque nós estamos comemorando os 150 anos de Rudolf Steiner e temos que nos perguntar de onde a Antroposofia haure toda essa força.

Ainda em vida, Rudolf Steiner disse que preferencialmente criaria bancos a partir do espírito antroposófico. Ele ainda teria gostado de ter feito muitas coisas, mas ninguém o perguntou e por isso ele teve que silenciar, pois ele não

era o missionário, ele era um iniciado cristão. E por essa razão era vinculado a três condições bem determinadas. Uma veracidade incondicional; amor à humanidade; totalmente supranacional, transcultural; e, o mais difícil, era ter 100% de respeito diante da liberdade humana. Uma renúncia a toda influência, a todo o carisma, a todo envolvimento que poderia acontecer a fim de influenciar outras pessoas. Houve agências buscando colocar Steiner em evidência. Mas de fato aconteceu um grande evento com mais de 2000 pessoas e Rudolf Steiner falou de forma tão seca, tão tediosa, tão filosoficamente estruturada que foi uma grande decepção para os empreendedores. Perguntado depois por um dos membros porque não aproveitou a oportunidade de empreender um discurso flamejante, entusiástico – pois teria sido uma grande oportunidade para a Antroposofia –, ele respondeu: ‘eu dei essa palestra para duas pessoas que se encontravam no salão’.

Atualmente, o Fair Trade (comércio justo, em português) é algo muito importante, também aqui foram antropósofos que deram o primeiro empurrão, por exemplo, com uma cadeia de drogarias com aproximadamente 20.000 funcionários, onde cada produto é fabricado com extremo cuidado e testado para ver se cada produto é aprovado. Entrementes, existem os bancos antroposóficos, assim como uma rede internacional de bancos que trabalham de forma ética e ecológica. Trata-se de bancos éticos e ecológicos impulsionados pelos antropósofos que hoje já chega ao âmbito de rede internacional, ultrapassando a âmbito antroposófico.

O que é esse espírito antroposófico que impulsionou Steiner e que fez que ele teria preferido influenciar a vida econômica, fundar bancos?

Quando Rudolf Steiner era perguntado acerca de qual era sua meta de vida, sua tarefa, então ele, via de regra, mencionava duas coisas. O primeiro aspecto era ajudar os discípulos do Espírito na sua trilha, isto é, ensinar o caminho da busca espiritual; em segundo lugar trazer uma doutrina da reencarnação e carma ligada ao Cristo e não fundamentada no aspecto pré-cristão, porém ligada ao pensar científico atual. O terceiro aspecto apenas pode ser intuído, pois que ele nunca se expressou diretamente: ele queria servir à vida; antroposofia devia tornar-se vida, ele queria que os seres humanos desenvolvessem prazer, alegria pelo fato de serem seres humanos; ele queria trazer um aspecto humano em todos os aspectos da civilização. E apenas em uma conferência encontrei o que ele realmente queria dizer nesse aspecto. Ele disse: ‘a antroposofia quer ser a linguagem, o idioma do Cristo’. De um lado, podemos dizer que é uma tarefa extremamente grande, que

o caminho de desenvolvimento antroposófico? Isso quer dizer, essa trajetória descrita no livro *Como Alcançar Conhecimento dos Mundos Superiores* tem a ver comigo, eu me vinculo a isso? Independentemente do ponto em que as pessoas se encontram nesse caminho, é importante saber se ela ama esse caminho.

Segundo: Estou disposto e quero me exercitar para me tornar socialmente competente, eu quero fazer parte dessa comunidade? Eu quero contribuir para uma comunidade onde cada um trilha esse caminho à sua maneira? Em outras palavras, eu me interesso por aquilo que os outros necessitam, da mesma forma como eu me interesso por aquilo que eu preciso?

Terceiro: no nível em que eu me encontro, de acordo com aquilo que eu compreendi da antroposofia e também dos seus campos profissionais, eu quero ser um representante da antroposofia?

Isso talvez possa soar um pouco sóbrio, resumido. Hoje à tarde, terminei dizendo que nós vivemos na quinta época pós-atlântica, em que está atuando o mistério do mal que vai proporcionar o nosso processo evolutivo. Eu havia dito que não conseguimos lidar com o confronto com o mal se não trilharmos um caminho de iniciação ou ao menos tentarmos trilhar. Ela ainda gostaria de completar que não é suficiente trilhar esse caminho individual de autodesenvolvimento da iniciação. Rudolf Steiner diz ainda que se eu der um passo para dentro do meu desenvolvimento cognitivo, eu preciso dar três passos no meu desenvolvimento social, a fim de manter o equilíbrio. Eu sempre me perguntei por que tem que ser três passos – ‘isso não é justo!’ –, é um passo no autoconhecimento e três passos no social, na formação do caráter? Mas é compreensível: quando eu dou um passo no cognitivo, se eu sei algo, eu preciso em primeiro lugar também reconhecer o que os outros podem ou precisam. Aí já reside o grande perigo. Por exemplo, eu exercito calma interior e já fiz um pequeno passo, não começa a falar logo de sopetão, mas reflete um pouco com calma interior, e imediatamente vocês notam que as outras pessoas, no derredor, não conseguem. E vocês percebem com satisfação como os outros logo falam, não conseguem silenciar, logo dão as suas opiniões, assim pensa-se: ‘mas eu já sei’. Qualquer exercício de conhecimento que vocês façam e percebam que sabem um pouquinho mais do que normalmente, justamente porque estão exercitando, logo correm o risco de se tornarem arrogantes. E para evitar isso é necessário o primeiro passo em que nós vamos nos colocar diante do outro com a pergunta: com quem ele está vivendo, ou o que ele quer dizer? Ou de forma mais bela ainda, que depois da experiência que tiveram que foi através do exercício que conseguiram isso, desenvolver a tolerância e admitir que os outros

de comunidades de pessoas e não dar apenas orientações individuais. A escola dos adultos é justamente a possibilidade dessa formação de comunidades, de ter um espaço onde se possa trabalhar socialmente e também conjuntamente. É uma atitude tipicamente infantil e de adolescente quando se diz – ‘primeiro eu e depois o mundo’-. Tampouco não quer dizer que o adulto precise se subordinar à comunidade, isso significa justamente não querer tornar-se adulto, pois estas são estruturas de poder típicas do tipo fascista. Isso vem do militarismo que o soldado individual não tem valor, o importante é que a tropa vença. É mais do que óbvio que o indivíduo se subordina às ordens superiores, às ordens da pátria. Indiferente qual é o regime, socialistas, nacionalista ou nazista onde um dos lemas é - antes do indivíduo vem a comunidade -. Isso até pode soar muito social, mas é diabólico. Mas por que é diabólico? Porque levando esse pensamento às últimas conseqüências, significa que o indivíduo deixa de ter valor, é a dissolução da individualidade. A pergunta de Rudolf Steiner era: ‘como podemos constituir comunidades nas quais cada indivíduo conta e tem valor?’. E mais ainda, uma comunidade que tem como meta ajudar o indivíduo a se desenvolver. Portanto não é que o indivíduo se subordina à comunidade, mas é a comunidade a serviço do indivíduo. Nós sabemos que Rudolf Steiner fundou uma sociedade, a Sociedade Antroposófica, antes era a sociedade Teosófica. E nessa sociedade antroposófica a iniciativa de cada um deveria prevalecer. Cada um estava livre para criar uma iniciativa, para criar um ramo. E criar estatutos próprios para esse grupo, ser totalmente independente e nenhum dirigente vai lhe dizer o que fazer, apenas duas condições: o trabalho não pode ser conduzido contrariamente às metas antroposóficas. Isso significaria uma autodestruição, e não faz sentido. A segunda condição é uma pequena contribuição para que a sociedade possa estimular outras iniciativas. Bem diferente foi a refundação da Escola Superior Livre da Ciência Espiritual, pois antes dessa fundação havia um pequeno círculo de discípulos em torno de Rudolf Steiner, em vários lugares onde ele atuava como mestre etérico e lecionava em três classes distintas. Eu falo isso porque alguém perguntou: ‘não é necessário deixar de comer carne?’, e ‘não são necessárias regras éticas para a vida saudável?’ Isso Rudolf Steiner fez nessa primeira escola esotérica: nada de álcool, recomendou o vegetarianismo e muitas outras coisas. Quando ele fundou novamente a escola superior ele parou completamente com isso. Tudo o que está relacionado com a condução pessoal da vida, Steiner como locou em liberdade. Mas ele coloca três condições para aquele que quer tornar-se membro dessa escola superior:

Primeiro: perguntar-se, ou perguntar a si mesmo, eu realmente quero trilhar

exige muito. Mas também podemos simplesmente nos perguntar quando que nós procuramos viver o cristianismo. Cristianismo só tem sentido quando o vivemos. O que aconteceria se cada um ficasse bem quietinho e pudesse perguntar ao Cristo: Como é que podemos hoje educar as crianças, lidar com a terra, realizar a economia, fundar bancos? O que o Cristo responderia? Podemos tomar as palavras do evangelho: dois em meu nome reunidos, em meu nome conversando sobre pedagogia, lá de repente a coisa se torna bem concreta. Existe um poema da Pedra Fundamental que Rudolf Steiner formulou em 1921, portanto exatamente a 90 anos atrás, momento em que ela foi colocada na terra onde se ergueu o primeiro edifício da escola Waldorf. E eu gostaria de lê-lo aqui para encerrar esta palestra e, ao mesmo tempo, que nos acompanhe durante este congresso. Que o tenhamos conosco nesse período do congresso, oferecendo-o ao espírito em gratidão à vida de Rudolf Steiner.

Nós devemos o movimento da pedagogia Waldorf a Emil Molt e ele foi a primeira pessoa que pôde assinar, depois de lido o poema, durante as festividades da fundação dessa escola. Nenhum professor jamais perguntou a Rudolf Steiner: O senhor tem uma ideia de como a partir da Antroposofia é possível melhorar a educação? É importante chamarmos isso à nossa consciência. Havia muitos professores membros da sociedade antroposófica, mas aí chega um Emil Molt, um chefe da fábrica de Cigarros Astória, que gostaria de oferecer para os filhos de seus colaboradores da fábrica uma educação melhor e pergunta isso para Rudolf Steiner. (A palestrante levantou o caderninho) Existiam muitos caderninhos como esse, que eram colocados em cada caixinha de cigarros e em tais caderninhos havia conteúdos culturais. Aqui temos um com os quatro Contos de Fadas dos Dramas de Mistérios; num outro caderninho todo o Calendário da Alma; no outro caderninho, poemas de Christian Morgenstern. O jovem abre a sua caixinha de cigarros e fora está escrito ‘nicotina é danosa’; ele abre essa caixinha, tira o caderninho e lê enquanto fuma o cigarro. Isso é o genial! Eu também gostaria de prestar homenagem a Emil Molt, pois se não fosse ele, nós não estaríamos aqui. Ele com seus cigarros e seus caderninhos. O nome Waldorf vem da sua fábrica de cigarros Waldorf Astória e o movimento Waldorf sobreviveu aos cigarros. Além da pedagogia, o que mais existe hoje com esse nome é o hotel Waldorf em Nova York e mais a salada de frango, maionese e nozes Waldorf.

Este ano, em Gottingen, uma escola com 2000 alunos ganhou o primeiro lugar; não tinha nada Waldorf, é uma simples escola tradicional cujo diretor,

com consciente ou inconsciente inspiração Waldorf, disse: ‘eu considero um fracasso pessoal se o meu aluno deixa a escola sem certificação. Isso não é problema do aluno, mas sim, é problema meu’. Nessa escola não existem notas, não há repetência; e existe toda espécie de arte; o diretor tem essa motivação e os professores são bem pagos, os alunos são muito entusiasmados e no momento é considerada a melhor escola da Alemanha. E se nós lemos como é que ele faz isso, descobrimos que é por meio da nossa inspiração Waldorf e isso é maravilhoso.

Prezados, agora nós encerramos com o poema da Pedra Fundamental da nossa escola.

Hoje faremos a leitura apenas em português e amanhã será lido também no original.”

**Que reine o que a força do espírito possa trazer em amor,
Que atue o que a luz do espírito possa trazer em bondade,
Pela segurança do coração
Pela firmeza da alma -
Ao jovem ser humano,
Para a força de trabalho do corpo,
Para a intimidade da alma,
Para a clareza do espírito.
A isto seja consagrado este lugar:
Que o senso jovem encontre nele
Cultivadores do ser humano
Dotados de força e entregues à luz.
Em seus corações lembrem-se
Do espírito que aqui deve reinar,
Aqueles que aqui depositam
A pedra como símbolo
Para que ela firme a base
Sobre a qual deve viver, reinar e atuar:
A sabedoria que liberta,
O ser espiritual que fortalece,
A vida espiritual que se manifesta.
Isto queremos confirmar
Em nome de Cristo
Com puras intenções
E boa vontade.**

corpo, observando tudo. E se tudo corre bem no fim da adolescência, ocorre o passo para a existência adulta. O que é que nós chamamos de adulto? Significa conseguir lidar consigo mesmo. Está livre para estabelecer relações ou não; não somos mais dependentes. Além disso, temos uma nova identidade a qual podemos dizer sim e todos aqueles que refletem a esse respeito sabem que isso não se atinge sem crises. Religião, arte, e ciências obviamente estão distribuídos nesses três setênios. A criança pequena é inteiramente religiosa. Por que? Porque possui uma profunda confiança na existência. Nunca mais veremos tamanha confiança na própria existência como na infância. Pais e educadores podem comportar-se como quiserem, no momento em que se voltam carinhosamente para a criança, o mundo está em ordem. Há uma capacidade de confiar, de desculpar, de perdoar como Deus. São características religiosas: para a confiança e crenças para isso existe apenas uma palavra grega - *pistes*.

No segundo setênio, a arte é o sentimento predominante na vida. No terceiro setênio, a ciência. Se aqui não tivéssemos a possibilidade de ter dúvidas, fazer perguntas, nós estaríamos perdidos. Por esse motivo é muito importante que as crianças possam reforçar esse elemento religioso para que ele se torne mais forte ainda. Isso significa, no entanto, que os adultos precisam ter uma certa compreensão a esse respeito; a mesma coisa acontece em relação à arte e o mesmo em relação com a ciência. Nós, como adultos, não podemos nos retirar de nenhum desses âmbitos porque as crianças e os adolescentes vivem nesses âmbitos de maneira natural. Tornar-se adulto significa unir esses três âmbitos de tal maneira que se consiga circular livremente entre os três.

É óbvio que o cientista dentro de nós, isto é, o nosso pensar, a capacidade de observação está na cabeça; a arte, no sistema rítmico, onde existe essa respiração, essa repetição; e a religião pertence ao nosso sistema metabólico-motor, transformando as substâncias, onde rezamos, onde trabalhamos. Isso tudo é religião, pois o que eu faço eu me vinculo totalmente a isso. E se alguém diz – ‘eu não preciso de religião’ - é a mesma coisa do que dizer que não precisa de metabolismo; o mesmo se dá quando alguém diz que não precisa de ciências; é coisa horrorosa de se dizer, é igual a dizer que não precisa da cabeça nessa vida. Por que eu digo isso? Porque nós queremos falar sobre a Escola Superior Livre da Ciência Espiritual. Pois temos que nos perguntar verdadeiramente: qual é a escola a qual vão os adultos? Escola onde pessoas que já desenvolveram a parte científica, artística e religiosa, que escola é essa, o que eles ainda têm para aprender?

Em 1902, Rudolf Steiner fez um esforço muito grande para criar a possibilidade

e porque temos espírito.

Temos que estar no fim das forças, para silenciar e dar a estes seres a chance de nos dizer algo.

I Classe - e o Caminho Interior do Professor

Hoje de tarde, terminamos com uma observação artística a partir do período intermediário da vida, e de fato em toda biografia há uma infância, o assim chamado primeiro setênio. E mesmo se houver alguma turvação nesse período, leva-se algumas vivências bonitas para o resto da vida. E refletindo sobre a qualidade de vida, então, vem à nossa memória a recordação de alegria da própria existência, mas também do sol, da lua e das estrelas, do mundo todo. É como um rochedo sobre o qual nós nos apoiamos a vida toda, e saber da existência dele em alguma fase da nossa vida, nós nos lembramos de que isto era assim. É interessante observar essa segurança de vida que provém da infância. A insegurança e as dúvidas vêm mais tarde. No segundo setênio, da pré-juventude, da pré-puberdade até o início da real puberdade, nós não temos mais essa segurança, quer dizer que, pouco a pouco, ela vai se perdendo. É interessante que nessa faixa etária desenvolvemos a alegria de estar junto com outras pessoas da nossa idade e também a alegria pela arte. O que nos dá essa sensação de evidência para nossa existência é a percepção de que o outro tem necessidade da nossa presença, isso nos fortalece. Nessa idade é especialmente trágico quando ninguém gosta da gente, quando existe o *bullying*. O grande consolo é a música, ou outras atividades artísticas tais como a arte poética, a leitura e mesmo Harry Potter, e hoje, surfar infinitamente na Internet, celular e constantemente estar mexendo em alguma coisa. Vendo do lado positivo, podemos afirmar que existem muitos relacionamentos. Mas do lado negativo, podemos dizer que, constantemente, a criança está sempre tendo alguma coisa com o que se distrair, para não se deparar com seus próprios problemas que estão mexendo interiormente. E, no terceiro setênio, a coisa já muda. Existe pela primeira vez a busca existencial própria e, às vezes, se encontra um elo com a primeira infância, ou aprende-se a ser amigo de si mesmo, não há mais a necessidade de ter outros amigos, mas aprende-se a lidar consigo mesmo, a ficar só. Em verdade, nesse terceiro setênio percebe-se que somos duplos. Eu sou quem eu sou. Como os outros me vêem e eu mesmo me vivencio, e eu sou aquele que pensa sobre mim mesmo, que me observa, reflete sobre mim, que me vê. Não sou apenas aquele com quem eu me identifico, principalmente o meu corpo. Eu também sou aquele que é independente do

Está assinado por Emil Molt, Rudolf Steiner e Marie Steiner e mais outras quarenta personalidades.

E nós todos ainda estávamos no mundo espiritual e secretamente também subscrevemos.

Palestras da manhã sobre: Religião - Ciências - Arte

Em todo lugar, a antroposofia começa com a ciência; vivifica suas representações mentais de forma artística e termina numa intimidade religiosa. O fato de não se querer reconhecer isso é o que provoca o surgimento dos adversários da Antroposofia. Isso Rudolf Steiner constatou e falou numa palestra proferida em 1923. Eu gostaria de repetir: em todo lugar a Antroposofia começa com a Ciência, vivifica suas representações mentais de forma artística e termina numa intimidade religiosa. O fato de não querer reconhecer isso provoca o surgimento dos adversários da Antroposofia. Essa segunda frase ela não entendeu por muito tempo. A primeira frase me causava muita alegria, é assim mesmo: a gente quer saber algo, exercita-se, procura-se verificar se realmente entendeu e, uma vez que tenha sido elaborado, compreendido, torna-se parte de nós. Mas inicialmente eu não conseguia compreender que a Antroposofia gera os seus adversários, ou gera opositores quando não se compreende isso. No decorrer do tempo, eu sei muito bem que isso é assim mesmo. E justamente neste ano dedicado a Rudolf Steiner do qual eu falei ontem, eu trouxe, por meio de aforismos, alguns pontos que me esclareceram de maneira bem precisa. Por quê? De fato a Antroposofia – ou Rudolf Steiner – é acusada de ter fundado uma seita. Considera-se apenas como sendo uma religião, não se contextualiza, o que acaba por gerar essa impressão horrorosa. Quando se isola o aspecto religioso e se pensa que a Antroposofia é uma religião, então passa a ser um grande mal-entendido. Passa-se a combater o mal-entendido, pensando tratar-se da Antroposofia e combatem, em verdade, o seu próprio mal-entendido. Além disso, no mundo acadêmico da Alemanha, nenhum cientista de renome que quer preservar o seu nome jamais citará Rudolf Steiner em uma obra científica sua ou em um artigo. Isso os professores só fazem quando já obtiveram méritos, ou seja, quando a sua reputação já não pode mais ser arranhada. Aí sim eles se fundamentam na Antroposofia, falam sobre a Antroposofia, escrevem livros sobre Antroposofia e a palestrante diz: Que pena! O que é que está acontecendo aí? Rudolf Steiner, desde o início, chama a atenção para o fato de a Antroposofia ser um caminho de conhecimento; Antroposofia é ciência da alma, do espírito,

da vida do ser humano. É uma ciência da espiritualidade. E discutindo com os acadêmicos, – eu mesma estudei medicina, fiz o meu doutorado – eles me dizem: “mas isso ninguém pode comprovar, não é uma ciência”. O que é e quem está por trás disso? O que acontece é que existe uma ‘Science Community’ = Comunidade Científica, que é extremada na medicina e nas ciências naturais. É como uma congregação religiosa da qual se é excomungado quando não se atém estritamente às regras. Existem regras bem claras de que maneira se deve praticar a pesquisa: em primeiro lugar ela deve poder ser reproduzida, que os resultados possam ser vinculados a fatos que possam ser demonstrados. Ou seja, a pessoa que está em busca de algo é como que excluída por meio de limites bem determinados. Quando então existe essa noção muito precisa do que é científico ou não, e quando com essa postura chega-se diante da Antroposofia e se constata o que é científico, e o que não é científico, acontece a mesma coisa: projeta-se a sua própria ideia de ciências para dentro da Antroposofia; lá, não encontra uma comprovação; passa a combater o seu próprio mal-entendido sobre a coisa e novamente passa-se a combater a própria projeção e não percebe qual o valor e a postura de vida contida na Antroposofia. E o terceiro mal-entendido projetado refere-se à arte. É dizer que Rudolf Steiner é filho do seu tempo, nem um pouco eclético, um pouco conservador. Todos naquela época eram reformistas, havia um mal-estar frente ao materialismo, portanto Rudolf Steiner não tem nada de original. Kandinsky Jawlensky, Paul Klee, e o movimento dos cavalheiros azuis, todos falavam de coisas espirituais dentro da arte e nesse caso Rudolf Steiner é nulo na sua originalidade. Deparem suas formas arredondadas e seus ângulos oblíquos, tudo isso é a *Art Nouveau*. Para que então tomar Steiner a sério no que se referem à arte? Novamente se tem uma visão bastante unilateral e isolada, vê-se algo que então é combatido. E depois que isso se tornou bem claro para mim a partir da análise dos argumentos dos que eram contra Steiner, contra a Antroposofia, empreendi discussões intermináveis durante a minha vida. Mas, especialmente durante este ano, de repente tornou-se claro para mim o quanto Rudolf Steiner tinha razão quando dizia que toda a oposição vem do fato de não se enxergar que a Antroposofia, em toda parte, vem com questões de querer ser cognitiva, de querer ser ciência. De não ficar parada na pura questão de conhecimento, mas que a Antroposofia agora dê um importante segundo passo, ou seja, que aquilo que se sabe é preciso ser vivenciado e sentido no âmbito do coração.

Uma frase central da *Filosofia da Liberdade* é a seguinte: através do sentimento o pensamento adquire significância para o indivíduo. Somente quando eu vinculo

pais, muitas vezes é um parente próximo como a avó, ou então um professor, ou então um pastor que se conheceu na infância. É sempre um ser humano. De repente, desperta o humano e se rebela contra o suicídio. O desejo pelo suicídio, pela violência está latente em toda a nossa cultura e por isso, hoje em dia, é praticamente impossível educar a juventude sem um pouco de exercício de iniciação, sem um pouco desse exercício social. Mas o bom é que, praticando, mesmo que seja pouco, dá forças enorme. Por que? Pois cada passo, por menor que seja, em relação ao autoconhecimento do trabalho em si fortalece a própria identidade. E se a gente se propõe a algo bem pequeno, por exemplo, três vezes ao dia, pensar naquilo é o mais importante para mim na vida, só isso. Poderão perceber como isso fortalece, dá forças. Primeiro porque você se percebe que pode confiar em vocês mesmos, ‘eu consigo isso’; em segundo lugar, o encontro com aquilo que nos dá prazer faz feliz, fortalece; em terceiro lugar, tudo o que nós repetimos nos fortalece, é como fazer ginástica. Vou finalizar porque hoje à noite continuamos com algo artístico: um conto dos dramas de mistérios que tem como conteúdo uma história de esgotamento de ‘Burnout’.

O Milagre da fonte:

O homem está acabado, sentado à noite num banco da cidade, e se pergunta: vai continuar sempre assim? Para que tudo isso? O que ainda posso esperar da vida? De repente se lembra de uma vivência que teve na infância em que, num sonho diurno, viu três mulheres numa fonte de água e, de repente, ele reviu essa vivência das três.

Disse a primeira: pensa sempre em mim quando te sentes solitário na vida. Eu atraio o olhar anímico do ser humano para distâncias longínquas etéricas, para amplidões estelares. A quem quiser me sentir eu ofereço o trago da esperança de vida de meu cálice mágico. Também a segunda disse: não me esqueças nos momentos que ameaçam a tua coragem de viver. Eu conduzo os anseios do coração do ser humano a profundezas anímicas e as atitudes espirituais. A quem procura as forças junto a mim eu forjo a força da fé na vida com meu martelo mágico. Da terceira ouviu-se o seguinte: eleva o teu olho espiritual em minha direção quanto os enigmas da vida te afligem. Eu teço os fios de pensamentos em labirintos de vida e profundezas anímicas. Quem cultiva a confiança em mim eu faço raios de amor na vida em meu tear mágico.

Assim falam as três mulheres e esses três seres são: confiança, amor e esperança, que nós temos dentro de nós mesmos por que temos corpo, porque temos alma

quinta época cultural, do ponto de vista físico e anímico, o ser humano está totalmente individualizado, todos nós estamos nessa situação. E nós percebemos em muitos de nós algo como uma herança dessas épocas culturais anteriores, um ainda lida com a questão da morte, o outro com a questão do bem ou do mal, um terceiro com a questão do pensar que ainda é algo aberto. Por isso, é importante oferecer para as crianças, duas vezes ao longo dos anos escolares, a descrição desse desenvolvimento, para que possam viver novamente aquilo que ficou para trás, relativo a esses espaços de desenvolvimento. Aí estamos preparados para o mistério do desenvolvimento próprio do nosso tempo. E esse mistério, dito de forma bem simples, é também algo trágico, o mistério do mal. O que a humanidade pode aprender ao lidar com as forças do mal? Esse é o problema da atualidade, aparece cada vez mais claro.

Desde a violência no âmbito pequeno até o 11 de Setembro. E aí, Rudolf Steiner, em diversas ocasiões, foi perguntado por que é necessário o aprendizado com o mal, porque não é possível desenvolvimento sem o mal? E muitas vezes ele respondeu: 'o mal não está aí para que o realizemos, mas para que, a partir dele, despertemos para o bem'. Portanto, é uma incrível possibilidade de despertar para o próprio pensar e o próprio fazer. Isso seria mais no aspecto exotérico. Depois, existe mais um aspecto bem esotérico. Ele diz que o mal ajuda o homem a levá-lo para o caminho do desenvolvimento interno, para o caminho de iniciação. Eu tenho de dizer com sinceridade que, como filha que nasceu depois da segunda guerra mundial, com todas as histórias horríveis que eu ouviu na primeira infância, eu posso afirmar que não teria percorrido o meu caminho sem compreender por que é que existe o mal e coisas horríveis assim, e ainda, como se aprende a suportar isso e, mais ainda, como se aprende a se por numa relação construtiva. Hoje em dia muitas pessoas vivenciam isso. Muitas crianças que nós temos na escola atualmente sentem isso sem ainda compreendê-lo. Quando os professores passam a sensação de que sabem disso, que estão dentro da nossa cultura, dentro da nossa vida realmente, quando eles trabalham com seus medos, não desistem, têm esperança; esses professores podem realmente transmitir coragem; porque os alunos querem ter coragem. Então, através desse exemplo, vocês dão forças para a vida toda a estas crianças. Muitos suicidas jovens interrompem no último instante sua tentativa de suicídio e chamam por ajuda. Eu trabalhei diversas vezes no plantão noturno e ao me deparar com jovens nessa situação, perguntava 'por que então você não fez? Por que desistiu?' Quase todos respondiam que no último instante se recordaram de uma pessoa que ficaria tão triste com o ato deles que os impedia de fazer isso. Via de regra não são os

um sentimento àquilo que eu sei e que eu compreendi é que isso começa a ter uma relação pessoal real comigo. Torna-se realidade. Mas envolver os sentimentos sempre significa iniciar um processo artístico. E todos nós sabemos disso. Se não fosse assim nós não poderíamos falar de aprofundamento dos sentimentos, pois os sentimentos se tornam realmente mais "bonitos" quanto mais se tornam íntimos, profundos, concretos. Na verdade, nós não podemos aprofundar pensamentos, apenas os sentimentos. Agora vocês dirão: mas isso é exagero. Eu conheço um livro grosso assim que fala apenas sobre a primeira frase não o Pai-nosso. Na teologia existem especializações extremadas. Aí se coleta tudo o que já foi dito alguma vez sobre o Pai-nosso, nosso Pai. Mas isso é um aprofundamento do pensamento? Eu diria que é uma enorme superficialidade de pensamentos; é um expandir de pensamentos superficial, coletando-se tudo que já foi dito sobre aquilo, o que já se pensou uma vez. Mas se eu ler com a participação dos sentimentos, se eu me interessar verdadeiramente sobre os sentimentos que moveram a pesquisa desse autor, sobre o que ele pensou, sentiu, vivenciou, sofreu, e se em algum momento eu o admiro, aí eu me vinculo com mais entusiasmo e interesse; e esse conceito – por exemplo, do pai – se torna muito mais profundo. Mas falando de forma bem lapidar: porque nós gostamos de praticar arte? Porque por meio dela os nossos sentimentos podem expandir-se, e dessa forma nossos sentidos se aprimoram, tornam-se mais precisos, sempre mais verdadeiros. Grandes cantores de ópera famosos, depois de um espetáculo onde receberam uma chuva de flores e de aplausos, podem retornar ao seu camarim e chorarem por não terem acertado uma só nota musical. Os artistas menores se satisfazem mais facilmente. Com os nossos alunos, com quem praticamos a arte a serviço de seu desenvolvimento, nós temos que ser extremamente cuidadosos no acompanhamento de suas obras a fim de não lhes ferir a autoestima, encorajando-os a melhorar o trabalho, quando ainda não estiver bom. Portanto, o processo de vivificação é um processo vital que passa pelo sentir. Representações mentais são vivificadas mediante os sentimentos e as vivências, é dessa forma que as representações mentais ganham sentido. Sem sentimento, é sem sentido. A crise da falta de sentido da nossa época é uma crise na arte e uma crise no sentimento. Não é uma crise da ciência, não é uma crise da religião, é uma crise na arte. Porque quem tem religião, tem o seu sentido, e quem ancora a sua autoconsciência no conhecimento, não precisa de um sentido porque ele sabe. Portanto, a Antroposofia se coloca em toda parte como ciência, vivifica suas representações mentais na arte e termina no sentimento religioso, na intimidade. Isso oferece um contexto que faz sentido para o cientista, para a arte e para pessoas engajadas religiosamente. Por que para cientistas? Por que os

cientistas *atuais* não falam apenas de evidência exterior, mas também de evidência interior. Isso é possível esclarecer acerca da Antroposofia a qualquer acadêmico; é uma ciência que descreve e compreende com exatidão os passos para alcançar a evidência interior, pois debater a realidade espiritual do ponto de vista da ciência é totalmente atual, também no âmbito acadêmico. Também é possível explicar para qualquer artista que a Antroposofia quer ser um caminho – a partir do que a ciência e a religião nos trazem – para dominar melhor a criatividade artística. Neste caso pode-se dizer também que a Antroposofia é um caminho que permite a cada um que tenha uma religião compreendê-la melhor e mais profundamente.

Karl Schubert foi o primeiro professor especial convocado por Rudolf Steiner para trabalhar na escola. Ele e Rudolf Steiner se amavam. Os dois eram austríacos, os dois eram católicos e também antropósofos. E Karl Schubert recebeu a incumbência de ensaiar as peças natalinas, que fez de maneira maravilhosa por que dominava o dialeto austríaco. E antes de cada ensaio ele dizia para a companhia: ‘Com Deus!’. Para ele isso era um serviço divino por meios artísticos.

E em 1922, começa, então, a fundação da Comunidade de Cristãos. Pois havia jovens teólogos entre 20 e 35 anos, vindos de círculos católicos e protestantes, que solicitaram a Rudolf Steiner a possibilidade de aprofundar e conscientizar melhor a sua religião. A pessoa que encabeçou esse movimento foi Georg Friedrich Rittelmeyer, teólogo protestante de Berlim. Rudolf Steiner lhe respondeu: ‘A minha tarefa é a ciência, a questão religiosa é a sua. Eu acompanho esse trabalho desde que a responsabilidade for inteiramente sua. Assim eu posso ajudar em tudo que for possível’. E Friedrich Rittelmeyer concordou.

Agora Karl Shubert fica sabendo que existe uma nova confissão cristã antroposófica, que foi fundada uma nova confissão a partir da Antroposofia, uma igreja cristã ecumênica. Ele passa a ter dúvidas cruciais: – Eu, como bom antropósofo, preciso sair da minha igreja católica e tornar-me membro da comunidade de cristãos? Ele pensou de um jeito e de outro e finalmente perguntou a Rudolf Steiner. Este o abraçou carinhosamente e falou: – Meu caro, querido Karl Shubert, seria de grande valia para a igreja católica se o senhor continuasse a ser membro dela. Karl Schubert ficou imensamente feliz e, mais tarde, foi enterrado com um funeral católico. O que eu quero dizer com isso é que a Antroposofia oferece a qualquer confissão a oportunidade de maior aprofundamento e clareza dentro dela mesma, mas não a substitui. Um exemplo: uma pediatra na Índia, que durante alguns anos seguidos me convidou para desenvolver uma formação local em medicina antroposófica que, inclusive, existe lá até hoje. No terceiro ano ela me convidou para um

cultural pós-atlântica da proto-Índia, a meta era distinguir maia, ou seja, esse mundo perceptível e distinto de mim ao redor de mim mesmo. Na segunda época cultural, na antiga Pérsia, nos conhecemos para Ahura Mazdao e Ahriman, luz e sombra, e o que é que tinha que ser aprendido? A minha própria luz do pensar ilumina a minha escuridão dos sentidos; eu, pela primeira vez me dou conta de que tenho pensamentos. Rudolf Steiner chama o primeiro desses dois mistérios de mistério da escuridão, o mistério do abismo. Trata-se do abismo entre o mundo sensorial e o mundo espiritual; o segundo mistério ele chama de ‘o mistério dos números’ porque os pensamentos mais puros são números; o terceiro mistério ele chama de o mistério da alquimia. Agora já podemos perceber que sequência educativa é essa, porque todas essas metas educativas das sete épocas culturais têm algo em comum: a educação para a individualização. O primeiro passo eu me individualizo no sensorial através dos meus sentidos; segundo passo: eu me individualizo no mesmo momento em que penso, que eu percebo ‘eu tenho pensamentos’; terceiro passo: eu me individualizo na minha vida anímica, no meu sentir, pelo fato de aprender a me sentir bom ou mau, bem ou mal. Pela primeira vez se individualiza a vida dos sentimentos. Podemos imaginar porque o mistério da alquimia, o mistério da transformação das forças da alma é a época das pirâmides egípcias, mas, ao mesmo tempo, 2000 anos antes de Cristo, o Antigo Testamento é transmitido através de Moisés. A humanidade encontra a qualidade da culpa pessoal. Aprendemos a nos sentir mal quando nos tornamos culpados. É por isso que, nesse espaço de tempo, o pecado original torna manifesto historicamente esse fato. Na quarta época cultural, a individualização vai ao ponto de abarcar o âmbito da vontade e a isso está relacionado o mistério da morte. Os homens vivenciam a sua vontade de forma individual na perspectiva da morte inexorável e que, aparentemente, tira todas forças de vontade que eles possuem. E na peça de Natal, naquela trilogia de Natal, na peça dos três reis Magos tem uma imagem nessa fala: ‘de que me serve o trono, o cetro e a coroa, cetro e realza tudo passa e se esboroa’. (e palmas para tradutora por saber que cor a tradução!) de qualquer forma o mistério da vontade está relacionado com o mistério da morte, porque para onde vai a vontade diante da morte, uma vez que vivenciamos a vontade profundamente ligada com nosso esqueleto, com a nossa corporalidade. É por isso que o mistério do Gólgota ocorre nessa quarta época cultural, para possibilitar que o ser do ser humano sobreviva à morte, para que ele vá para além da morte, para além dessas forças volitivas ligadas à corporalidade. E dessa forma se realiza essa transformação, essa virada na humanidade, da morte na matéria para o despertar no espírito. Na

mesmo que se faça o maior esforço de não brigar. Talvez não no Brasil, mas na Alemanha pode me acontecer. Em todo caso, eu aprendi que no social é possível exercitar intensamente, o bom é lembrar-se, não custa tempo. Pois sempre estamos em contato com as pessoas e basta decidirmos o que é que vamos exercitar e assim trabalhar o dia inteiro neste exercício. Para o caminho pessoal, Rudolf Steiner quase que pedindo que tenhamos ao menos 5 minutos diários, 5 minutos de fato não significa muito tempo. O caminho pessoal nos custa 5 minutos por dia; o âmbito social praticamente não nos custa nada, só temos que pensar nisso e leva frações de segundos. Ainda existe um terceiro caminho e este é a intenção básica de todo o livro. Isto é, aprender de que maneira podemos nos sentir parte de toda a humanidade. Isto nos toma um pouco de tempo. Para isso é necessário estudar um pouco para compreender o caminhar do desenvolvimento da humanidade. Isso é algo para as férias, para o domingo, para uma viagem de trem, para momentos especiais. Ou para as festas do ano. O que aí nós conquistamos através desse trabalho se expande para o resto do tempo. Eu gostaria de dar um exemplo. Há uma palestra sobre o tema esotérico de Rudolf Steiner onde ele passa por todas as épocas culturais: a proto-hindu, antiga Pérsia, antigo Egito, a greco-latina, a quinta época cultural, a partir do século XV, na qual nos encontramos atualmente e a sexta época cultural que se iniciará daqui a 1800 anos, e depois da sétima com a qual esse ciclo das épocas pós-atlânticas se finda. Nessa palestra, Rudolf Steiner coloca a pergunta: ‘qual é a meta que a humanidade se propõe nessa passagem pelas sete épocas culturais?’ Ele disse que cada uma dessas épocas culturais se propõe a uma determinada meta de desenvolvimento. E dentro do âmbito de tempo de cada uma dessas épocas culturais, cada ser humano encarna no mínimo duas vezes de forma significativa e visível e, dependendo do destino de cada um, encarna dentro dessa época cultural mais algumas vezes, encarnações mais curtas e às vezes menos significativas. Eu estou dizendo isso porque veio a mim a pergunta em relação aos ritmos reencarnatórios que podiam ser observados. Rudolf Steiner, nessa palestra, descreve uma após outra das metas próprias de cada uma dessas fases culturais. A primeira meta de desenvolvimento é vivenciar através dos órgãos de percepção; perceber o que quer dizer viver no mundo que tem uma superfície material que é possível perceber. E através dessa experiência dos sentidos sensoriais perceber o fenômeno primordial da individualização no físico. O mistério da encarnação é percepção de si mesmo dentro de um corpo físico delimitado. Porque antes disso as pessoas se encarnavam, mas não se davam conta disso porque estavam com a sua consciência completamente imersa na totalidade. Nessa primeira época

ritual hinduísta em sua casa, com flores, com incenso e tudo mais que pertence ao ritual. Eu disse: – Mas Basky, desde quando você faz isso e eu nunca percebi? E ela respondeu: – Sabe, desde que conheci a Antroposofia, a espiritualidade hindu, que já tinha esquecido e posto de lado, tornou-se novamente interessante para mim. Eu comecei a entender o que esses rituais significam. Então, ela apresentou uma série de questões e nós ficamos horas a fio discutindo o que está por trás desses rituais. O mesmo aconteceu com Ibrahim Abulaish, quando voltou para o Egito; voltou a aprofundar-se no islamismo, identificando-se totalmente com ele. Organizou e desenvolveu um grupo de trabalho que está traduzindo o *Alcorão* para desvesti-lo das tendências dogmáticas de fundamentalistas, de modo a lhe dar uma face nova mais humana, mais amigável. Assim, dá para entender que Rudolf Steiner, depois de ter fundado a escola Waldorf, enfrentou dificuldades no que se refere ao ensino religioso. Muitas crianças eram filhos de socialistas, operários da fábrica de cigarros que não tinham religião. Havia algumas crianças de antropósofos; lá também não havia clareza acerca da existência de ritos religiosos, e ainda havia crianças com uma fundamentação clara na religião; eram crianças judaicas, católicas e protestantes. Inicialmente, Rudolf Steiner perguntou por que eles queriam um ensino especial, pois considera essa questão como uma tarefa dos pais, e que eles devem se organizar de acordo com a sua religião, particularmente, **pois cada aula do ensino, em verdade, é uma aula de religião.** Pois é assim que Rudolf Steiner descreve a incumbência na *Antropologia Geral*, no curso de inauguração da pedagogia Waldorf. Isso nós ouvimos ontem quando Lory citou Helmuth von Kügelgen, meu pai, pois realmente é a sua citação preferida, por ser a definição mais ampla e mais curta da pedagogia Waldorf: pedagogia Waldorf é ciência tornada viva, arte que se torna viva e religião que se torna viva. Ou então, no original de Rudolf Steiner: a ciência tornando-se viva, arte tornando-se viva e religião tornando-se viva; isto é, enfim, cada ensino, cada aula. Da mesma forma, para ele seria esquisito quando se perguntava a respeito de uma aula específica de ciências, ou a respeito de uma aula puramente de arte; ou aula de religião especificamente. Para ele era válida a frase de Goethe: *aquele que possui ciência e arte também tem religião.* Aquele que não tem ciência e arte, deve ter religião, pois quando não temos ciência e arte deixamos de ser humanos. Cai-se para o nível sub-humano, para o criminoso. Por que é que nos países mais pobres do oeste e leste ainda temos relativamente pouca criminalidade, apesar da criminalidade estar aumentando? Porque ainda existe muita religiosidade no povo, ela nos mantém na nossa humanidade. E quanto

menor for o capital de religiosidade, tanto mais tem que se elevar o nível da ciência e da arte para que não se chegue a uma condição sub-humana. Por essa razão se faz bastante propaganda em relação a filmes que passam na Europa, trazendo trabalhos dos grandes artistas com os favelados do Rio de Janeiro, da Colômbia ou da África, fazendo orquestra com crianças de rua e, dessa maneira, retirando-as das ruas e das drogas. De qualquer forma, podemos compreender porque Rudolf Steiner inicialmente não estava entusiasmado em criar uma aula de religião especial, mas, em seguida, ele concordou – porque o pedido também partiu dos pais –, instituindo um ensino cristão livre que correria paralelamente às outras confissões. Mas ele fez questão de dizer que se tratava do atendimento a solicitações externas. E fez questão que o ensino cristão livre fosse da responsabilidade da sociedade antroposófica. Mais tarde, com a fundação da Escola Superior Espiritual, determinou que esta fosse a responsável. Em seguida veio a pergunta acerca do fato de todas as outras confissões terem um serviço dominical: E o que fariam as crianças do ensino religioso cristão livre?

Então, o senhor Herbert Hahn deu a sugestão a Rudolf Steiner: Por que não levar as crianças aos domingos para escola, em uma sala de ambiente festivo, com flores, fazer euritmia, ler um poema bonito, falar um pouco sobre isso, depois deixá-las voltar para casa? Rudolf Steiner ficou bem sério e falou: Não. Se for assim, precisa então ser um culto. Poucos dias depois, entregou às mãos de Herbert Hahn o manuscrito com o culto para as crianças. Isso naturalmente aconteceu bem antes da fundação da comunidade de cristãos.

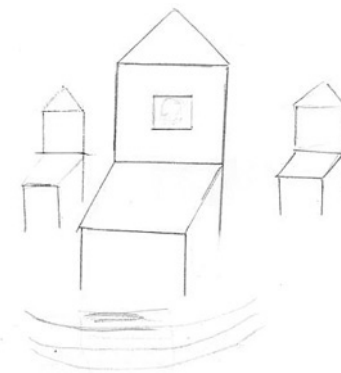
Quando mais tarde foi fundada a Comunidade de Cristãos, esta recebeu os mesmos conteúdos com poucas pequenas modificações. Ele deu ênfase de que o culto na escola não fosse praticado de forma sacerdotal, é por isso que os professores estão diante do altar totalmente vestidos de preto como professores bem normais. O altar é construído da seguinte maneira (veja desenho): no alto, um triângulo; abaixo, um quadrado onde está a pintura do Cristo de Leonardo da Vinci, que é uma cabeça do Cristo muito linda. No triângulo, temos o símbolo da sagrada trindade; no quadrado, o símbolo dos quatro elementos, o fundamento da Terra e as direções espaciais e, então, há uma mesa e, sobre ela, encontramos o candelabro de sete braços, formando um arco. As sete velas formando um arco como na tradição judaica: representam os sete passos da evolução. Encontramos duas cadeiras que têm a mesma forma no espaldar. Quando as crianças entram, lá estão sentados dois professores. Diante disso há um patamar de três degraus. O ambiente está envolto em cortinas vermelhas.

a respeito daquilo. Eu tive, por assim dizer, minha primeira aula dentro de uma humildade interna, numa tranquilidade, nesse caminho do silêncio interior, bem inicial, bem elementar. De verdade, sinceramente começar. E realmente dar passos bem pequenos individualmente. Eu conto isso porque hoje à tarde e à noite será abordado o caminho do desenvolvimento interior do professor; esse tempo passa muito rápido, e eu quero estar certa de ter falado bem claramente as coisas mais importantes. Em primeiro lugar, Rudolf Steiner é um professor permanentemente presente através de suas palavras e de seus pensamentos, que nos disponibiliza e sempre está disposto, dentro disso, a responder; sempre que tenhamos uma pergunta, façamos assim como o sacerdote Pedro, nas Filipinas, que sempre tem Rudolf Steiner perto de si, e com isso lida melhor com as suas tarefas dentro da igreja e também com a pobreza que o circunda.

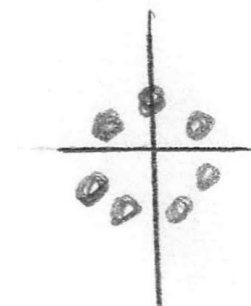
É interessante que no livro *Como Alcançar o Conhecimento dos Mundos Superiores?* estão descritos, na realidade, três caminhos distintos que podem ser seguidos. O primeiro caminho é totalmente pessoal e se inicia naquele ponto em que eu, de fato, tenho hoje as minhas perguntas de conhecimento. Segundo: um caminho que possibilita que eu me coloque mais conscientemente dentro da vida, sobre o qual muito é dito, da vida profissional, do meu âmbito social. E em uma boa parte do livro estão descritos muitos exercícios que, no fundo, só podem ser praticados se estamos em contato com outras pessoas. Quantas vezes, e acredito que isso aconteça a vocês também, em casa, sentada em silêncio e voltada com atenção para o assunto essencial, talvez até vêm bons pensamentos, podem ser anotados, encontramos-nos num estado de gratidão e de bem-estar. E de repente vem alguém e nos atrapalha, e nos interrompe totalmente. Ou então, como já aconteceu comigo, ter de ir de avião para algum lugar, fazer a mala e lá pedirem para pesar e ter dificuldade de aceitarem o peso e liberarem! Somos tomados pela raiva e frustração como se nunca tivéssemos meditado! Quando eu estou sozinha, sou a pessoa mais simpática e fico admirada sobre os outros, mas quando estou com outras pessoas eu me dou conta de quão difícil sou eu própria: furiosa, reativa, diz coisas pelas quais depois precisa pedir desculpas, como se a outra pessoa tivesse dito aquilo e não ela mesma; desculpe-me, eu nem quis dizer aquilo. Mas quem é que disse aquilo? Portanto, a vida profissional nos oferece oportunidades enormes para exercitar, exercitar aquilo que nós já somos capazes nas horas tranquilas, pois é uma atividade totalmente artística, porque temos que recomeçar, refazer. Há pessoas diante das quais nós nos comportamos melhor do que normalmente somos. Há pessoas com as quais não dá para brigar mesmo que se tente. Tem outras pessoas com as quais a gente sempre briga,

realmente estava numa situação difícil. Daí eu tive uma boa ideia. É sempre assim, quando estamos no fim da linha, e paramos de pensar porque também já não temos mais nenhuma ideia, chega o momento como se algo silenciasse. É algo que a Sonia conhece muito bem porque ela lida bastante com o Parsifal. Pois o Parsifal também chega nesse ponto. Ele tentou de tudo, lutou, procurou, fez tantos esforços que no fim está acabado. E Wolfram von Echenbach descreve maravilhosamente como Parsifal, nessa situação, geralmente sentado no cavalo, pois geralmente estava cavalgando, dá tapinhas no pescoço do cavalo como seu último consolo no mundo, coloca então as rédeas soltas sobre o pescoço do cavalo, sentado bem ereto na cela, sem rédeas na mão, possivelmente fecha os olhos e diz ao seu cavalo: 'agora vai como Deus indicar'. O cavalo saiu galopando diretamente para o burgo do Graal, sem parar. E é assim, quando ficamos realmente em silêncio vem uma ideia que nos salva. E então tudo continua de uma outra maneira, entra uma sabedoria que muito mais sabia que a minha própria. No meu caso foi pensando assim que tive a ideia: se Rudolf Steiner me arrumou esse problema, eu tenho que perguntar a Rudolf Steiner. Eu disse a mim mesma 'vou reler esse livro com a seguinte pergunta: será que esse caminho é o adequado para mim, ou eu vou deixá-lo?' Então, eu me propus a tomar o sábado de manhã; acordei cedo, peguei o livro, comecei a ler o sumário e, no final, o posfácio. Eu percebi que eu nunca tinha lido esse posfácio, apesar de ter lido o livro diversas vezes. Pensei comigo: 'vou começar por aí'. E nesse posfácio Rudolf Steiner descreve que esse livro pode ser entendido como um diálogo com o autor e com aquele que está lendo. Isso realmente a atingiu como um raio. Ela sabia através dos seus pais e de antropólogos mais velhos que tinham vivenciado que quando se perguntava a Rudolf Steiner, ele sempre esperava para que essa pergunta viesse e que houvesse um preparo para essa pergunta. Aí – ela lembra como se fosse hoje –, se eu tivesse que perguntar agora para Rudolf Steiner, que vergonha! A primeira coisa que eu fiz foi sentar direito porque eu estava toda espichada, pegou uma folha de papel e tentou escrever a sua pergunta, tudo era meio vergonhoso. Já na tentativa de realmente denominar o problema, o problema já se simplificou muito. No final a pergunta se reduziu ao fato de que, de alguma forma, eu exigira demais de mim e que agora eu queria voltar ao caminho certo: como é que eu faço isso? Em todo caso ela começou a reler o livro e pensou: vou levar a sério e talvez Rudolf Steiner possa ajudar alguém como eu. Não teve nada de espetacular, não teve nenhuma visão, ninguém apareceu. Mas o que aconteceu é que certas palavras ou certas frases passaram a me tocar muito mais do que antes, percebia o que estava escrito, tive ideias

Diante do altar um tapete vermelho que cobre também os degraus. As crianças estão sentadas diante de tudo isso em semicírculo.



É uma celebração cáltica muito simples, nas cores vermelho e preto e à luz das velas. O altar e as cadeiras são de madeira, laqueadas em tons vermelho-amarronzados. A moldura da imagem do Cristo tem a cor azul. Quem conhece um pouco esoterismo cristão sabe que se trata de uma ambiente com símbolos rosa-cruzes, com a cruz preta e as sete rosas vermelhas (ver desenho abaixo), três em cima, quatro embaixo sobre a cruz preta; azul e vermelho são as cores do sangue; o sangue azul, que é sangue do reconhecimento do Cristo, em volta da cabeça do Cristo; e vermelho, o sangue dos membros, rico em oxigênio. No meio da celebração do culto para crianças, surge a manifestação do 'salutogenético' – dito em minhas palavras – na pedagogia Waldorf. Isso ocorre quando o professor, ao ministrar o culto, diz às crianças: 'Nós aprendemos para compreender o mundo; nós aprendemos para trabalhar no mundo; o amor dos homens une as pessoas umas com as outras - vivifica todo trabalho humano. Sem o amor humano o mundo se torna deserto e vazio. Cristo é o professor do amor humano'.



Quando, nos anos noventa, se tornou conhecida a Salutogênese de Aaron Antonovsky, a ciência voltada à saúde recebeu uma nova perspectiva. Em muitos estudos, Antonovsky demonstrou que os seres humanos podem manter-se saudáveis até a idade muito avançada quando desenvolvem um tríptico sentimento de coerência: um sentimento em relação àquilo que se sabe; um sentimento em relação àquilo que se sente; e um sentimento em relação àquilo que se quer. E Rudolf Steiner diz aos médicos que a decisão de se ser saudável ou doente cabe ao sentimento. Por essa razão, nós, na medicina antroposófica ficamos exultantes quando a Salutogênese foi lançada. Pois o que foi que Antonovsky descobriu?

A primeira coisa que Antonovsky descobriu foi o que ele denominou de princípio de coerência da **compreensibilidade**, compreender o mundo. Segundo princípio: as pessoas, então, podem permanecer saudáveis quando entendem que as coisas têm sentido no mundo; - compreender o mundo pelos sentidos - as pessoas podem permanecer saudáveis quando aquilo que elas vivenciam, o vivenciam como algo que faz sentido. Ele designou esse princípio de 'as coisas que fazem sentido'. O terceiro princípio é o da coerência: o ser humano pode permanecer com saúde quando tem o sentimento de que aquilo que ele quer também consegue realizar. E ele o designou de coerência da **realizabilidade**.

Vocês podem notar isso a partir de si mesmos, ou quando as crianças, na escola, não entendem alguma coisa; principalmente na matemática, quando elas não conseguem realizar, elas adoecem e levam um trauma para o resto da vida. Os cientistas e os professores de ciências na escola têm a autoconfiança das crianças em suas mãos, principalmente o das meninas. Ou quando alunos durante a aula estão com tédio e sem vontade de trabalhar, perguntando-se o que vão fazer com essas bobagens, querem saber porque estão fazendo aquilo – sentem como se aquilo não tivesse nenhum significado para a vida –, eles se sentem mal. Quando participam de uma aula de ciências, e não entendem, eles também não passam bem. E nos três casos o ponto decisivo é o sentimento.

Se eu não entendo nada e para mim tanto faz, então eu não tenho um problema. Eu digo: esse problema é seu, não me interessa. Isso acontece se a questão do sentido, para mim, não for uma questão ou se, para mim, fizer sentido as drogas, a bebida ou algum outro vício que me dá prazer. Assim como *Strader* diz nos *Dramas dos Mistérios*: 'Eu, por tanto tempo estava entretido com o sentido das coisas'–, eu desisto ou reprimo. De fato, pode ser reprimido por um tempo, mas depois volta à tona. A mesma coisa acontece com a **manuseabilidade**, a habilidade de realizar as coisas, que prescinde de certo grau de humildade, de reconhecer que não se consegue fazer tudo, mas que algumas coisas se faz bem.

sabia mais o que pensar. E quando a missa terminou, eu perguntei para ele como é que ele havia chegado a essa conclusão, e ele respondeu: mas é claro, Rudolf Steiner curou uma criança hidrocefálica, e isso é um milagre, ele tinha acesso direto com os grandes santos da igreja, inclusive com Micael ele podia entrar em contato direto, como todo bom santo da nossa igreja. É só uma questão de tempo que a nossa igreja o descubra e confirme que ele é um santo e eu já estou começando agora'. Então eu perguntei, 'mas de onde o senhor o conhece? Aonde o encontrou?' Ele respondeu: 'sabe, para mim existem apenas dois livros importantes, um é a bíblia e o outro é o livro de Rudolf Steiner - *Como Alcançar o Conhecimento dos Mundos Superiores?* Eu não preciso mais do que isso para o meu trabalho. Eu fiquei realmente admirada e perguntei, 'mas o que dizem os seus chefes sobre isso, as hierarquias mais altas dentro da igreja?' Ele disse: 'o meu trabalho é bem de base e ninguém lá de cima se interessa por aquilo que eu faço. Só o que acontece no nível intermediário de importância interessa aos que estão lá em cima. Aqui embaixo, no trabalho de base, o que nos deixa feliz é a igreja encher razoavelmente bem, a comunidade crescer, e que as crianças tenham uma educação católica consistente; por isso vivo em absoluta liberdade'. Eu não inventei essa história. É verdade, palavra por palavra. Isso que aconteceu deixou claro para mim a necessidade que hoje as pessoas que trabalham no âmbito religioso têm. Para esse sacerdote, a ciência era essencial para a compreensão da sua própria religiosidade, e por outro lado, sua religiosidade é que o levou ao encontro com a ciência espiritual antroposófica. E o que tem de tão especial nesse livro *Como Alcançar o Conhecimento dos Mundos Superiores?* Esse livro não promete apenas um caminho de conhecimento para dentro do mundo espiritual. É – e agora eu vou dizer algo um pouco ousado – o melhor self-service para quem quer se servir de algo que seja importante para o caminho do autoconhecimento. Indiferentemente de qual seja a pergunta que leve a ler esse livro, ao ler o livro a resposta virá. Eu mesma tive essa experiência na idade de 23 anos. Eu tinha, no meu entusiasmo, começado a exercitar e meditar de tudo e, no final, me tornei um conjunto de obrigações autoimpostas. Tudo eu tinha começado por determinação própria e, no final, eu me tornei escrava de todas as regras autoimpostas: um determinado exercício fazia três vezes por dia, outro uma vez por semana, depois as virtudes do mês, as festas cristãs anuais; depois exercícios específicos para as próprias dificuldades, pontos nevrálgicos. De algum jeito aquilo sempre foi aumentando. E, certo dia, tive a impressão de que alguma coisa estava errada porque eu não estava melhor, mas pior. Então eu pensei em conversar com alguém sobre isso, mas não conseguia pensar em ninguém, eu

Também a segunda disse: Não me esqueças nos momentos que ameaçam a tua coragem de viver. Eu conduzo os anseios do coração do ser humano a profundezas anímicas e altitudes espirituais. A quem procura as forças junto a mim, eu forjo a força da fé na vida com o meu martelo mágico.

Da terceira ouviu-se o seguinte: Eleve o teu olhar espiritual em minha direção quando os enigmas da vida te afligem. Eu fio os fios dos pensamentos em labirintos de vida e profundezas anímicas. Quem cultivava confiança em mim eu faço raios de amor na vida em meu tear mágico.

Como ativar as capacidades vitais e espirituais do professor

Nós queremos educar os alunos. E, lembrando desse poema da Pedra Fundamental, que foi lido todas as manhãs, em que nós o dedicamos para a força do trabalho do corpo, para a intimidade da alma, para a clareza do Espírito – força, interioridade e lucidez – e se tomarmos esses três elementos como uma motivação das ações que conduzem para dentro da corporalidade, da alma e do Espírito, então, evidentemente esses também são os desejos que temos para os adultos e não somente para as crianças.

De manhã estamos lidando com o tema ciência, arte e religião. A ciência traz lucidez sem clareza e é alimentação e luz para o espiritual; a arte é um imenso campo de trabalho para o exercício da alma, de intensificar, de repetir, de melhorar e de aprofundar; a religião foi e é sempre algo que, em primeira instância, aponta para a corporalidade. Todos os grandes sistemas religiosos, sempre em primeira instância, estiveram relacionados com sugestões para a alimentação, para uma ritmização do decorrer no dia: três vezes por dia rezar, de manhã depois de acordar, antes de almoçar e à noite antes de dormir. Todas as coisas boas devem ser feitas três vezes. E o ritmo semanal, em que constava, no mínimo, uma celebração religiosa por semana, em regiões que ainda cultivam forte catolicismo como, por exemplo, nas Filipinas, onde ainda é assim.

Nas Filipinas, pode-se dizer que o ambiente social está constituído de tal forma que não se escapa de ir à igreja. Lá, desde 2002, nós fazemos uma semana de curso de formação de medicina e sempre inclui um domingo. É evidente que, ou as seis da manhã ou na hora do almoço, ao meio-dia, todo o mundo vai para a igreja e nós também. E na última vez que aconteceu na semana de curso, a missa foi feita às seis da manhã e encontramos o sacerdote Pedro, que topou celebrar a missa no local. Estávamos sentados bem inocentes e ele começou seu sermão e nos apresentou Rudolf Steiner como santo da igreja católica. Eu já não

Agora, vocês podem imaginar eu como aluna Waldorf, cujo pai era professor de religião e que durante doze anos, todos os domingos, participava desses cultos. Primeiro era o culto para as crianças, então veio o tempo em que as outras crianças, de outras confissões na escola Waldorf, no oitavo ano, seriam confirmadas. Então chegaram os pais para Rudolf Steiner dizendo que também desejavam algo semelhante à uma confirmação para as suas crianças. Em resposta a essa pergunta dos pais ele preparou o culto para os jovens. Diante do mesmo altar, uma comemoração mais singela, em cujo centro se lia o capítulo 17 do Evangelho de João, a assim chamada *'A elevada oração sacerdotal'*, quando antes da última ceia o próprio Cristo faz a oração a Deus-pai pedindo Suas bênçãos divinas para toda a humanidade. Segue então uma pequena alocução em que, aquele que ministra o culto se dirige diretamente para os alunos presentes, assim que sejam confirmados e compreendam esse caminho crístico, portanto, um ato de confirmação. Isso se seguia durante um ano e mais um ano e, a cada domingo, os alunos eram novamente confirmados. A primeira vez foi bastante festiva com a presença dos pais e parentes, uma festa de confirmação, mas depois se continuava esse trabalho durante o nono e o décimo ano escolar.

Agora, vocês precisam imaginar-se os primeiros alunos do décimo ano Waldorf. Classes totalmente superlotadas, nem sempre reinava a melhor disciplina. E Hans Berlin, um desses alunos Waldorf, está sentado na última carteira perto de seu amigo. E o amigo diz: 'Hans você está consciente em que tipo de escola nós estamos? Tua irmã é antropósofa, não pode perguntar a ela?' Hans respondeu: 'Eu vou perguntar'. No dia seguinte, Hans disse: Eu perguntei para a minha irmã e sabe o que ela me respondeu? Nós estamos numa escola de mistérios! Enfim, depois de dois anos, esses alunos da confirmação chegaram à conclusão que: 'agora basta!' Os alunos montaram uma delegação para falar com Rudolf Steiner, requisitando uma conversa:

'Sr. Dr., nós estamos há dois anos sendo confirmados, o senhor não tem algo diferente a nos dizer agora que estamos mais velhos?' Rudolf Steiner ficou muito contente porque, na realidade, ele esperava por essa pergunta. Ele os teria confirmado por mais tempo se não tivessem reagido. Assim, nós agradecemos o Ato da Consagração aos alunos do Ensino Médio daquela época. Trata-se de uma pequena missa sem pão e vinho, em quatro etapas, com a evocação, a leitura do Evangelho; o ofertório, a transubstanciação e a comunhão. No Ato da Consagração, o celebrante toca com o seu dedo médio a testa, no ponto do conhecimento. O Ato da Consagração é celebrado por três pessoas e os três estão atuando. Não é como no culto para os menores, onde apenas uma pessoa está

atuando enquanto duas estão ministrando. Aquele que está à esquerda no altar desce, os alunos se levantam e ele os toca na testa e diz: 'O espírito do Cristo viva em ti!' E o aluno responde: 'Eu posso receber o Espírito de Cristo'.

A respeito desse ato, Rudolf Steiner diz que também pode ser realizado no colegiado de professores; e também pode ser ministrado com adultos, onde houver a necessidade desse ato. Mas deu essa resposta também só depois de ter sido perguntado. E ele respondeu que sim, que podia ser. Dessa forma, está integrado no coração da pedagogia Waldorf um elemento religioso bem independente do lugar no mundo onde for realizado. É uma grande ajuda para as pessoas que, não tendo relação direta com o religioso, podem encontrar uma grande ajuda. Recomendo para países como os EUA, onde existe uma clara separação secular do estado e a igreja. Pois na Europa, em muitos países, é possível realizar. Na Alemanha é até obrigatório, pois lá se entende que as crianças têm o direito de receber a orientação religiosa na escola. Minha sugestão é que os professores, de tempos em tempos, se reúnam e procurem se aprofundar nesses textos cúlticos, façam um trabalho para conhecê-los muito bem. E estaria muito dentro do espírito de Rudolf Steiner se os ramos da sociedade antroposófica, que possuem um espaço próprio, lá também tivessem a possibilidade de realizar um Ato da Consagração, para que se tenha a vivência prática do que isso significa, desvinculado da escola, evitando problemas legais. Porém isso deveria ser tratado com o representante do Grêmio Internacional de professores de religião cristã livre.

Portanto, ciência traz conhecimento; a arte traz vivência, aprofundamento; religião traz identidade: compreensão de valores, compreensão ética, uma identidade espiritual clara.

Caros amigos, o que é uma vida sem identidade? A pedagogia Waldorf tem uma meta maior: conduzir o ser humano da escola até o ponto que ao deixar a escola ele saiba quem ele é e para onde ele vai; afinal o que é uma educação para a liberdade? Sem que eu saiba o que eu quero ou até o que eu possa querer, nem é possível! A liberdade depende de que eu possa agir a partir do conhecimento, só então eu estou identificado. A pedagogia Waldorf tem cinco colunas sobre as quais ela repousa (Estrela de cinco pontas: a palestrante se põs na posição com as cinco pontas abertas): ela atua em cinco níveis trazendo identidade de maneira bem humana. A perna esquerda, na arte grega chamada de pé de apoio, representa o plano físico. A pedagogia Waldorf pretende conformar e desenvolver o corpo físico; pretende que, a partir da alma, o corpo físico se sustente da melhor maneira possível. Quando os senhores ensinam uma matéria e não sabem

é interpretado qual é a verdadeira forma de entender aquilo.

Agora, novamente o trabalho por 2000 anos, bem exato 2.160, um duodécimo do ano platônico (Ano platônico é igual a 25.920 dividido por 12) e isso é, em média, um período cultural. Portanto nós temos o tempo de 2.160 anos para trabalhar a ponto de que cada palavra tenha o sentido que de fato ela tem. Que palavras se tornem atos capazes de consolar, sanar, ordenar, que possam constituir comunidades, as pessoas que falam a mesma língua têm algo em comum.

E na sétima época cultural cada um vai aprender como individuo bem consciente a valer no contexto de toda a humanidade. Para isso vale a imaginação do Evangelho de João e da verdadeira videira, então estamos totalmente nos percebendo como indivíduos distintos da totalidade, ainda que pertençamos completamente à unidade de todos os homens. Quando um professor está diante dos alunos, e ele tem confiança num futuro muito distante, por que ele pressente um pouco, conhece um pouco desse futuro e está feliz e orgulhoso sobre tudo o que a humanidade já aprendeu e que nós não precisamos refazer tudo completamente, quando diz 'Crianças, nós hoje temos problemas bem diferentes de ontem, hoje temos problemas bem novos'; quando temos alegria e confiança para realmente trabalhar nessa grande escola da vida, então as crianças se sentem, do ponto de vista da alma, em casa na escola; e isso é importante. Quando elas vivenciam a certeza em nós, elas terão a confiança de que um dia também saberão. Esperança, coragem e amor que são abordados nesse conto são qualidades centrais do nosso ser e que nascem como de uma fonte interna para a vida. São as virtudes mais importantes do coração e podemos perceber que são aquelas três forças através das quais podemos vivificar as três qualidades da alma e os três âmbitos do conhecimento. Eu preciso terminar. Por questões de tempo, não vou mais explicar esse âmbito, mas conduzir vocês para o trabalho. Que Constança leia primeiramente a passagem do conto em que fala das qualidades do eu humano, que se dão a partir do coração e, em seguida, a Pedra Fundamental da nossa escola Waldorf.

Eu me alegro muito de que o céu fale tão forte junto conosco. Não é sempre que ele se manifesta desse jeito durante um congresso. Minha citação preferida do poeta sueco Hölderling: *Falar do céu /Oh! Entusiasmo!*

Do conto:

Disse a primeira: Pensa sempre em mim quando te sentes solitário na vida, eu atraio o olhar anímico do Homem para distâncias longínquas etéreas e para amplidões estelares. A quem quiser me sentir, eu ofereço o trago da esperança de vida do meu cálice mágico.

Pela primeira vez olhamos para as pessoas próximas e queridas e percebemos-as como o outro. Eu sou eu e você é você. Agora, o professor conta a história da criança adotiva mais famosa do mundo, a história de Moisés. Que foi colocado pelos pais numa cestinha e a cestinha flutua no rio. Tendo crianças adotivas na classe é preciso expandir essa história. Que maravilha haver pais que dão a possibilidade de uma encarnação na Terra, e que incrível é que depois há pessoas que nos recebem. E que magnífico é que cada um de nós é uma individualidade absolutamente única e que podemos entrar numa relação totalmente soberana em relação às pessoas que nos circundam. Todos nós somos crianças adotivas. Ela não vai adiante com esse tema, mas o pensamento é esse. Importante para uma criança é que ele possa perceber. 'Eu me torno tanto melhor um adulto, quanto mais claramente eu consigo estabelecer uma relação com o meu passado, não importa quanto eu saiba dele, quanto mais claramente eu possa estabelecer uma relação carinhosa, de gratidão com os meus pais, com os colegas, com os meus professores'. A vantagem de uma criança adotiva é que quando um dia o fica sabendo, ela pode ter uma relação muito mais livre e amistosa com os pais. Pois muitas vezes para os pais biológicos é muito mais difícil deixar a criança ir em liberdade e não amarrá-la com obrigações. Mas é claro que é maravilhoso ter pais biológicos, mas é importante que se pode falar sobre tudo e como tudo tem suas vantagens e desvantagens. Crianças adotivas têm por característica querer aprender nesta vida, tornar-se especialmente independentes e estabelecer relações espirituais.

Ontem, na grande perspectiva do desenvolvimento da humanidade, eu parei na crise da contemporaneidade e alguns ainda estão na expectativa do que vai acontecer no sexto e sétimo período de desenvolvimento. É claro que é muito confortável pensar que esse estresse com o mal dure 2000 anos e depois acabou. Daí vem outra coisa. Qual é o passo da individualização que ocorrerá então? Qual será então o instrumento de desenvolvimento e de aprendizado para a humanidade? Rudolf Steiner diz que será o mistério do desenvolvimento da palavra. Imaginem o seguinte: atualmente, palavras têm a incrível capacidade de despertar muita discordância e mal entendidos entre as pessoas. Às vezes temos a sensação de que é melhor ficar quieto, ao menos não terá mais mal entendimentos. Por que é assim? Por que podemos confiar tão pouco na palavra? Alguém diz alguma coisa e perguntamos 'O que você quis dizer com isso'? Ou 'O que ele disse realmente'? 'Como é que você entende isso'? 'Tenho a impressão de que ele apenas fez de conta'. E assim por diante. É péssimo o que acontece nas escolas Waldorf, as ditas conferências de estacionamento, onde, em verdade,

o que isto provoca no corpo físico, por favor, peçam explicações na conferência pedagógica. Porque nós ensinamos a matéria conforme a faixa etária? Apenas para sustentar o corpo físico. Ensino correspondente à faixa etária significa um ensino que leva em conta a estruturação do corpo físico.

O pé direito: na arte grega, o pé de movimento é representante do corpo etérico. Todo o plano de ensino está estruturado para estimular e vivificar as forças vitais. Por que uma época idealmente deve ter quatro semanas? Porque quatro semanas corresponde ao ritmo do corpo **etérico**; o ritmo do corpo físico é um ano; o ritmo do corpo etérico é de quatro semanas, isso tem a ver com as fases da lua e com a água. Tudo o que tem a ver com ritmo, com alimentação, com respeito aos dias da semana, cuja interdependência sequencial fortalece o corpo etérico, tem uma atuação enorme na formação de hábitos, da identidade, do caráter. A mão esquerda vem do coração. Nesse caso se trata de sentimentos do corpo astral e também a relação.

Há uma célebre pergunta que Rudolf Steiner sempre fazia aos alunos: 'Vocês gostam de seus professores?' E ele sabia a respeito do mistério da inteligência emocional. Se os alunos não têm os sentimentos amorosos não vão aprender bem. Mão direita, nível do **eu**, e isso é o método. A palavra método vem do grego = meta thod = seguir o caminho. Sim, trata-se do direcionamento do eu, de qual é o caminho pelo qual eu vou conduzir os meus alunos. Esse caminho na pedagogia Waldorf é caracterizado por duas coisas, esse é o nosso método: o ensinar estritamente artístico, e caracterizar em vez de definir. E depois vem a famosa **quinta essência**, a cabeça de tudo. E isso é a orientação espiritual dos professores. E é isso que os alunos querem saber: quem é você, em que você acredita, e o que é essencial para você? Rudolf Steiner diz que os alunos se interessam por três faces de seus professores. A face do mundo, ou seja, a face do mundo que o professor traz para dentro da sala de aula, e diz o que ele compreende e a sua opinião sobre esse mundo. De maneira profundamente inconsciente tateiam o professor com uma pergunta: 'Você tem algo a me dizer?' 'Você pode me ajudar a adentrar essa vida no mundo?' 'Você me compreende?' 'Você acredita em mim?'

A segunda face é o professor como colega. Vocês não imaginam o quanto os alunos sabem sobre vocês, o quanto bem eles observam vocês. Quando, por exemplo, um professor se apaixona por uma professora, os alunos muitas vezes percebem ainda antes do próprio professor. Eles são inimaginavelmente sensíveis. E quando uma professora adentra a aula de outro, eles observam como os dois se relacionam entre si. Eles querem se orientar e têm a pergunta latente: 'Você tem

capacidades sociais? ‘Como é que você dá conta das relações?’ ‘Você é amigável?’ ‘Você sabe se comunicar horizontalmente?’ ‘Você é machista?’ Ou qualquer outra coisa. E a terceira face: eles ficam contentes quando, no sábado, encontram seu professor no supermercado como o pai ou a mãe normal de uma família, com o mesmo estresse em casa como eles conhecem na vida deles. O professor como ser humano normal. E o quinto princípio da pedagogia Waldorf é de como o professor lida com a vida do âmbito espiritual.

No final, Dra. Sônia vai ler o poema da Pedra Fundamental mais uma vez e nós observaremos o aspecto do religioso contido nele.

Qual é a orientação espiritual que expressa esse poema? Em quem acredita um professor Waldorf? Em quem acreditam os pais quando colocam os seus filhos numa escola Waldorf? Em quem confiam os professores quando tentam aplicar essa pedagogia?

Finalizando com:

Que reine...

Segunda palestra da manhã

Quando hoje falamos dos antigos mistérios, falamos dos segredos dos mistérios antigos.

Para conhecer esses segredos havia determinados ritos iniciáticos, que eram graduais, e assim as pessoas gradativamente eram introduzidas nesse conhecimento dos mistérios. E uma cultura era tão mais saudável quanto mais se mantinha esse segredos quanto mais rigorosa era a separação desses saberes. Por quê? Quando uma pessoa aprende a conhecer algo ela também aprende a agir de acordo com esse conhecimento. Por isso, Marx pôde dizer de uma maneira tão lapidar: ‘conhecimento é poder’. E a classe dominante era a classe que detinha o saber; ele queria que todo o poder proviesse do povo e, por isso, queria que o povo conhecesse e soubesse tudo. Mas os antigos também sabiam que o conhecimento é poder, mas também sabiam que a pior coisa que pode acontecer a uma cultura é o abuso de poder, porque então esse uso se torna desumano. E por isso sábios guias como os sacerdotes e os reis queriam proteger o povo do abuso do poder e por isso essa segregação do conhecimento. Por isso, sempre havia uma conotação criminosa no ato de trair os Mistérios. E, por isso, pagava-se com a pena de morte a traição dos Mistérios. Quanto mais nós nos aproximarmos da transição dos tempos, ou seja, 3000, 2000, anos antes de Cristo, tanto mais observamos o abuso de poder por meio da indiscrição ou por

a característica do sentir e por isso não pode querer passar para o científico. Mas quando se sabe um conto de fada de cor, porque o fez na eurtímia, então carrega uma sabedoria pela vida inteira, uma profunda crença religiosa no bem, mas de forma artística. Ou seja, quando eu levo a sério a arte, ela se faz religião. Quando eu levo a sério a ciência e me pergunto o que quer significar, ela se faz arte. E quando eu levo a sério a religião, me perguntando: em quem eu acredito de fato? Por que é que eu acredito? Em quem eu acredito? Eu tenho noção? Então a minha prisão oculta, quando apenas acredito e não quero saber de mais nada, então ela se torna ciência. Atualmente, a religião também se encontra, infelizmente, numa terrível prisão oculta. O que acontece se não quero saber nada para não ter o perigo de duvidar? Quando também não quero individualizar e ter um sentimento pessoal, apenas me apoio naquilo que diz a minha comunidade religiosa, que me fortalece, então me torno dogmático, fanático e criminoso, inumano. Esse é o imenso perigo das religiões que se isolam, que pode dividir os homens em grupos e que se atacam mutuamente. No momento em que eu tenho perguntas sobre no que e em quem eu acredito, então ela se expande, abre o caminho para o conhecimento. Então esses três âmbitos da ciência, da arte e da religião se tornam vivos e em conjuntos assim, como o pensar, sentir e querer; são conjuntos que perfazem a nossa humanidade; esses três âmbitos do conhecimento também se tornam unos e perfazem em nós a humanidade, se tornam humanos.

Ontem eu recebi uma pergunta acerca de crianças adotadas, pois cada vez mais a recebemos : como se lida com elas? Justamente no plano escolar Waldorf é dada atenção muito especial. Já começa com o conto de fadas, quando morre a mãe da menina e ela precisa estar com a madrasta e não com a própria. Mas quando uma criança adotiva chega à situação mais vulnerável? No terceiro ano. Por quê? Por que aí, pela primeira vez, desperta a percepção de si e nós chamamos isso de ‘rubicação’. Pela primeira vez sente-se que se está sozinho. Pela primeira vez sente que quando a outra pessoa se comporta mal, ele tem medo dela, ou então deixa essa pessoa de lado e não perdoa mais, por que agora permanece a memória daquela sensação ruim. Nessa idade é normal que crianças perguntem a seus pais ‘como é que foi quando eu nasci?’ Conta-se então que foi para o hospital e assim, vem a pergunta: ‘Você tem certeza de que não me trocou no hospital? Será que as enfermeiras não podem ter trazido o bebê errado?’

Donde vem isso? Sente-se pela primeira vez como individualidade e diz a si mesmo que não pode ser descendente dessa mulher estranha; ‘sou totalmente diferente’, pensa. ‘O que eu tenho a ver com esse pai sempre estressado, que sempre sai e raras vezes aparece, o que eu tenho a ver com essa pessoa esquisita?’

fiz um pequeno exercício de empatia. Eu comecei a refletir como é que se sente uma pessoa que é tão pouco amada. Eu pensei - ele só pode se sentir mal. Eu vou até ele, cheia de confiança, cheia de coragem, cheia de amor e respeito, vou pensar que ele é aquela pessoa que vai me conduzir suavemente através do exame. Já que eu vou ter que me matricular com ele, como antropósofa é a minha obrigação, e, portanto, tenho que fazer com prazer. Eu trabalhei com o meu medo, minha raiva, e agora eu vou lá e vou fazer com prazer. Os colegas tiveram pena de mim. Eu fui até ele e falei: 'eu gostaria de me inscrever com o senhor'. E ele ficou tão contente, logo me indicou um horário para a entrevista e perguntou: 'qual é o seu tema, em que âmbitos eu posso fazer as perguntas da prova?' E eu respondi: 'história antiga, Políbio'. Então ele disse: 'Ah, mas isso é muito interessante, como é que você chegou a isso?' De qualquer forma, eu agradeço a esse senhor a nota máxima em história e eu nunca imaginei algo assim. E os meus colegas examinados pelos professores normais tiveram notas bem comuns. Foi simplesmente a absolvição de um cientista solitário através de um carinho, de um sorriso, de uma forma artística de se aproximar. A arte, por sua vez, na atualidade também se encontra numa prisão oculta; é quando o sentir se isola e isso, hoje, é a questão, e a ciência é assim. E eu espero que tenha ficado claro que é difícil se conectar com o sentir a partir do que a ciência é hoje e por isso o sentir gira em torno de si mesmo. Então pode tornar-se sentimental, tornar-se instintivo pelo fato de estar desconectado do Espírito; e aparece muito ódio, ironia e negatividade. A arte moderna precisa ser feia, ela não pode falar a sentimentos de forma harmônica. Ou ela é kitsch, sentimental, cafona ou então ela é horrível, destrutiva e quer mostrar que absurdo é o mundo de hoje. Nos teatros, as peças clássicas belíssimas são interpretadas num nível que ressalta apenas o aspecto do sexo e do socialismo. Quando não jorra sangue e tem promiscuidade ou masturbação no palco, não rolou nada. E um filme na televisão que não tem ação, mortos, não vale a pena assistir. Isso é arte. Isso na realidade é essa prisão oculta. Isso é diabólico, não é humano. O que se revela aí não é o homem, mas é o subumano. Revela-se o animalesco agressivo e não o que é humano. A arte também tem que ser absolvida, liberta. Através do redespertar da dignidade humana. A arte necessita da libertação através da religião. Por que? Porque a arte sempre revela algo suprassensível. Apenas se compreende a arte por meio da espiritualidade. Se eu quero escrever algo científico sobre pensar, sentir e querer eu preciso de muito espaço e de muito tempo. Se eu quero fazer algo artístico, necessito apenas de meia página, só isso. E posso colocar em poucas frases as mais profundas sabedorias da vida e pode tocar muitas pessoas, mas tem

meio do suborno. Dava-se muito dinheiro ao sacerdote para que ele iniciasse alguém que ainda não estava pronto. Ou então como na época de Roma, em que os Césares, por meio de poder e de armas, exigiam a iniciação, o que levou àquela loucura dos Césares e ao total abuso de poder. Até hoje, se mantém a segregação dos segredos, como podemos atestar no caso do Wikileaks ou então no escândalo de Murdoch. Toda instituição que fica tão poderosa trabalha com a separação do poder e uma lealdade imposta. Mesmo quando se começa a trabalhar numa firma como a Weleda, assina-se um documento - 'Não desvendarei segredos da firma' - é uma coisa bem natural. Mesmo nas pesquisas é decretado o segredo até sua publicação, para que ninguém possa roubar e patentear para uso próprio ou até abuso. Portanto, os antigos mistérios trabalhavam com o conhecimento como saber, com sabedoria e discrição para evitar o abuso de poder. Isso era justificado enquanto pessoas simples do povo não tinham condições de atuar de forma autônoma a partir de si próprias.

Estudando a decadência dos centros dos mistérios, que se instalou mais ou menos a partir de 1500 anos antes de Cristo, observa-se que houve o aumento do abuso e o mau uso do poder e falta de cultura. Pode-se observar que gradativamente tem início um novo tempo e com isso uma nova ciência. Isso tem o seu início na Grécia, poucos séculos antes de Cristo. Eles são os inventores da filosofia. Pela primeira vez, surge um pensar individual, reflexivo e autônomo: em Platão, ainda bem idealístico; com Aristóteles já tem caráter realístico. A sua obra *Categorias* é um exercício de muito empenho do pensar individualizado.

(Nota: Nas *Categorias*, Aristóteles classifica e analisa dez tipos de predicados ou gêneros, também conhecidos como classes: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, ação e paixão.) No Google facilmente podem ser encontradas as categorias de Aristóteles em seu próprio idioma e imprimir.

Sugiro que, durante três reuniões pedagógicas, procurem resolver um problema de acordo com as categorias. Isso é bem prazeroso. Isso também ajuda quando se faz uma observação de crianças, a partir desses 10 pontos de vista. Vou deixar esse tema de lado, porque eu poderia preencher perfeitamente o dia inteiro com ele. Mas se algum de vocês aceitar colocar em prática essa sugestão, por favor, escreva um e-mail relatando o resultado.

Pois Rudolf Steiner indicou à Ita Wegmann, no âmbito médico, a aplicação de um pensar exato e científico acerca do paciente, por meio dessas categorias. O caso é que nós temos medo, pensamos: Aristóteles, categorias, ah! Isso é muito

abstrato. Com ela aconteceu isso, até que ela teve a coragem de dar os primeiros passos, pensou ‘bem, eu poderia ao menos olhar para essas categorias e depois disso decidir se elas realmente são muito complicadas’.

Ita Wegmann ficou surpresa ao perceber como é fácil, por exemplo, as perguntas: onde existe algo? Isso é, a descrição da situação no espaço: a categoria do espaço. Segundo, a categoria do tempo: quando algo surgiu, quando desapareceu e passou? Por que? E assim sucessivamente com as demais categorias, de forma bem sistemática. É por isso que Rudolf Steiner chama Aristóteles do primeiro grande burguês filisteu da história humana. Porque fazia tudo sistematicamente e de forma pedante. Um treino maravilhoso para o pensar objetivo. Temos que imaginar que somente na Grécia o povo aprendeu isso, os outros povos ainda dormiam em relação a esse pensar filosófico. Por isso dá para compreender porque cada um que tinha acesso a um pequeno trecho de Aristóteles se entusiasmava e logo começava a se aprofundar no estudo. Aprendia-se o latim para poder estudar Aristóteles. Muito rapidamente ele foi traduzido do grego para o latim. O interessante é que quando chegou o cristianismo, todos os primeiros cristãos, os pais da igreja, passaram a estudar Aristóteles. Ciências significava aprender a pensar, não o saber propriamente. Portanto, o primeiro nível do saber. A segunda etapa era aprender a pensar, aprender a investigar o instrumento que leva ao saber. Os gregos logo perceberam que para pensar bem havia uma pré-condição, e descobriram dessa forma a importância e o valor da educação. Pode-se dizer que a pedagogia praticamente foi criada na Grécia. A palavra vem de lá. ‘**Paidhos**’ significa ‘criança’; e ‘**gogos**’ significa conduzir, portanto, pedagogo, aquele que conduz crianças. Os gregos perceberam também que para a educação era importante tornar o corpo adequado, flexível, capaz; pois diziam que só em um corpo são pode-se viver uma mente sadia. Portanto, aquilo que eu dizia ontem de Rudolf Steiner – que toda a pedagogia Waldorf busca orientar o plano de ensino em relação ao desenvolvimento sadio do corpo –, é justamente a retomada que busca o ideal educacional grego.

O nosso corpo etérico é um conjunto de leis que interagem entre si, que forma um todo, algo integrado, e no decorrer do crescimento o e do desenvolvimento o nosso corpo etérico se desmembra em duas partes; uma parte que é encarnada no corpo e outra parte não encarnada à disposição para pensar. Quando o corpo, por meio de uma boa alimentação, se torna hábil, isso atua sobre a habilidade do pensar, pois o corpo etérico está interligado, não há uma cisão entre o corpo etérico, as duas partes permanecem em contato uma com a outra. Agradecemos

elevada ciência. Isso não pode ser, isso é um absurdo. Como é que a gente pode libertar essas elucubrações que geram profundo isolamento e, ao mesmo tempo, geram catástrofes entre os seres humanos, como se pode libertar disso? Redimir! Em primeiro lugar através da arte, pelo sentir. Olhem para a literatura de vocês, os poemas onde o sentimento pode falar, em quantos poemas são abordados o sol, a lua e as estrelas. O que seria da nossa vida dos sentimentos sem a alegria pelo sol; a melancolia da lua, por exemplo, a estrela vespertina, uma estrela polar, ou o Cruzeiro do Sul; onde ela pode combinar com uma grande amiga ou com amigo, sempre que você olhar o surgimento dessa estrela, pense em mim, essa é a nossa orientação comum. Quando as pessoas se apaixonam elas olham mais para estrelas do que para o sol e a lua, mas não genericamente, é *aquela* estrela, ela é única para mim, assim como você. Os nossos sentimentos nos contam algo completamente diverso do céu estrelado. Eu não vou começar de novo a falar das leis de Kepler, não precisam ter medo, mas naquele exemplo foi possível ver que quando os meus sentimentos acompanham esse conhecimento, quando eu percebo algo disso como meu sentimento, abrem-se dimensões completamente novas para o meu saber. E o bonito é que essas vivências também dentro do âmbito da ciência se enriquecem; estas vivência precisam, e terminam melhor, figuram melhor no nosso âmbito artístico, e por isso o enriquecem. Quando eu perguntei ao Georg Glöckler se existem milhares de sóis e que cada um tem o seu sistema e disse que, na verdade, é um labirinto, ele respondeu, ‘sim, mas essa é apenas a forma de pensar no espaço perceptível pelo tato, onde eu meço com a trena daqui até infinitamente longe, o meu espaço visual me diz algo totalmente diferente’. Aí eu tenho a sensação de que eu estou no sol, o sol se aproxima de mim com sua luz e também as estrelas. São âmbitos maravilhosos da ciência onde através de um olhar também carregado de sentimentos, carregado do âmbito artístico, onde através de exercícios de olhar para os conteúdos com sentimentos e de forma artística se pode libertar o olhar da ciência.

Agora, vou dar um exemplo bem simplório: quando eu fui para a prova de história que ela tinha que fazer antes de entrar no estudo da medicina, eu estava atrasada para me inscrever. Todos os professores bacanas dos quais nós sabíamos que iam aprovar os alunos já tinham muitos alunos matriculados e não iam aceitar mais outros. Só havia um lugar com um professor que tinha a fama de muito ruim. As suas aulas eram vazias, tediosas e era tido como arrogante. Eu nunca tinha assistido a uma aula dele, era odiado como examinador porque tinha o maior índice de reprovação. E com essa imagem eu estava numa prisão oculta, mas também não tinha outra chance além de me matricular com ele. Daí eu

Por que é que o Goetheanum se chama assim? Pois foi Goethe quem falou aquele aforismo maravilhoso que eu citei no primeiro dia: *Quem possui ciência e arte também possui religião. E quem não possui ciência e arte, ao menos tenha a religião.* Se também não possui religião, não possui mais nada de humano e torna-se inumano. O nosso pensar é um cientista, o nosso sentir é um artista. Nós conhecemos isso, todos os dias sentimos algo de diferente em relação aos outros, algo de novo. Por que todos os dias eu pergunto ‘Como vai?’; todos os dias nós queremos saber mais, queremos mais proximidade, queremos constituir a relação. Vai-se como que chegando muito perto do outro com esse ‘como vai?’ E o outro pode responder ‘ah, tudo bem’ ou dizer ‘você quer saber mesmo? Eu preciso no mínimo 2 horas’. E a nossa vontade é um sacerdote. A nossa vontade é o sacerdote Pedro. Por quê? Porque a vontade sempre quer servir, quer fazer algo. A melhor forma é quando a gente pode fazer algo por amor ao outro. Trabalho que parte da obrigação e com raiva, com o tempo não nos preenche, nos leva para fora da nossa humanidade. Vontade que não é religiosa torna-se, então, inumana, mas se eu faço algo a partir da esperança e do amor, por confiança, então isso se torna humano. E essas são as qualidades religiosas - eu confio em Deus - e tenho esperança por uma vida eterna - e eu tenho coragem e a certeza de que o meu trabalho não é em vão. Isso é crença. A palavra crença é como uma rocha. Em grego é denominado de pístes: e quer dizer esperança, confiança, tudo aquilo que dá alma a uma certeza, uma estrutura. Portanto cada um de nós não é apenas um artista como diz Josef Bois, mas também um cientista, um sacerdote e quanto mais nós compreendemos isso, tanto mais humano se torna tudo aquilo que nós fazemos, porque na atualidade há três prisões ocultas. Rudolf Steiner escreve isso para a ciência moderna e diz que ela está numa prisão oculta, porque a ciência é tão apartada de todo contexto de vida, ela é de fato como uma prisão mental. A imagem maravilhosa que Georg e eu quisemos mostrar aqui eram algumas fotos da Nasa de maravilhosas aglomerações de estrelas, da via Láctea, nebulosas (por favor, olhem hoje à noite na Internet). Por que nós queríamos mostrar isso? Essas distâncias estelares que estão afastadas de nós anos luz, a estrela fixa mais próxima de nós que está a quatro anos luz distante. O sol que está tão perto de nós que gera queimaduras solares quando nós não cuidamos, esse sol está a 150 milhões de quilômetros distantes da Terra. Isso é uma unidade astronômica, por assim dizer, um mm dentro do cosmo. Aí, um astrônomo nos conta quão minúsculo, desprezível e esquecível é esse minúsculo insignificante grãozinho dentro da totalidade do cosmos, que é a Terra. Aí a gente produz em altíssimo nível científico imaginações que geram absoluta falta de sentido, de significado e isso é a mais

a essa época em que, a partir de uma atividade, buscava-se tornar o corpo físico ágil e, dessa forma, também agilizar e tornar apto o pensar, como um preparo para aprender a pensar de maneira científica. O ponto básico se ancorava na ginástica e a filosofia estava um pouco afastada da prática da vida. No período romano surgiu ainda o ideal científico da retórica. Por quê? Porque se percebeu que quando se aprende as mais bonitas teorias filosóficas de forma peripatética (a escola peripatética reunia os ensinamentos de Aristóteles), estas não são úteis na vida quando não são apresentadas de maneira convincente. Descobriram o poder da fala. E aqueles que sabiam falar da forma mais convincente na praça do mercado, e atraíam as pessoas, eram os eleitos pelo povo na política, para conduzi-los, eram os poderosos. Por isso, já na cultura romana, não eram os mais sábios os poderosos, mas sim os dominadores da fala, da palavra, da oratória. É isso o que nós conhecemos da política atual também. Na verdade, é até um acaso, quando um sábio também tem o poder da oratória e pode estar nesse grupo seleto dos dirigentes.

Contudo, agradecemos àquela cultura que desenvolveu a capacidade da fala individual, a capacidade de expressão oral. Na Idade Média havia o assim chamado TRIVIUM. As ciências que se aprendia nas escolas monásticas. Aprendia-se a ser um bom orador. A aprendizagem da gramática ainda não se consistia em abrir um livro de gramática tedioso. Isso teria sido um pesadelo para os monges da mesma forma como é um pesadelo atualmente para os alunos. Aprender Gramática era aprender a falar certo e corretamente. Retórica era falar bonito, de forma objetiva, convincente. Caros amigos, o que adianta toda uma fala se ela não alcança o objetivo, se não incentiva? Como então deve falar o professor para atingir os alunos? Interessante e de forma inspiradora, amorosa, dramática, uma irradiação! Rudolf Steiner dizia que o professor precisa, quando traz a matéria, atuar em cena de forma convincente. Isso é retórica. Falar bem significa, falar de tal maneira, falar de tal forma que alcance o outro, e não de maneira que eu ache bonito. Isso de nada adianta. Isso significa que eu preciso ter como referência o senso estético dos colegas, das crianças. Quando dei minhas primeiras palestras, meu marido, sentado no público, espelhava para mim como era impossível me entender. Dizia: Michaela, por que você sempre fixa assim as pessoas? Isso as afasta as pessoas. Eu estava muito preocupada em transmitir tudo que tinha preparado e olhava numa determinada direção. É claro que isso ficava estranho. É preciso prestar atenção, era totalmente anti-retórico e, claro, não atingia os ouvintes. Este foi o segundo âmbito; e o terceiro é falar com veracidade. Dialética significa desdobrar. Num dos seus poemas, Goethe

diz o seguinte: ‘quando se quer compreender realmente algo, primeiro é preciso separar para depois unir’. Primeiro desdobrar e depois unir novamente. Então o assunto se torna verdadeiro, obtém-se uma visão de conjunto do conteúdo. Além disso, as outras coisas correspondiam à ciência na Idade Média. No primeiro milênio, 1.200 anos depois de Cristo, mais ou menos depois da época cultural romana, esta ainda continua, e a época cristã está em sua fase inicial porque os monges se utilizaram do aspecto retórico romano e do aspecto corporal mental científico - filosófico grego para compreender o Novo Testamento e escrever longos comentários acerca dele. Isso quer dizer que o treinamento interior dos monges na Idade Média tinha esse lado dirigido para a competência individual de pensar e falar e, com o **quadrívio**, o interesse estava dirigido à Deus e para o mundo.

desenho triângulo – quadrado

Música em aritmética seguem as mesmas leis. Música é aritmética. E isso deu para perceber ontem na apresentação dos tambores. A disciplina incrivelmente impressionou. O que gera essa disciplina? Por meio de duas coisas: inicialmente, os alunos aprendem a contar: 12345 - 12345 - 12345. Aí a coisa funciona quando todos contam no mesmo tempo e isso se aprende muito depressa. E quando se incorporou no corpo etérico o hábito, aí se torna ritmo, ou seja, música. Eu toco violoncelo, mas não toco bem porque não tenho tempo para treinar. Quando começo uma peça nova, conto com os pés para permanecer no compasso; quando aprendo a peça e sei tocar, o pé para de bater. Passado um ano sabe-se a peça simplesmente, ou ouvindo a mesma peça no rádio, percebe-se imediatamente quando surgiu um erro, sem que se esteja contando.

Aqui ainda cabe uma outra coisa que mesmo os monges ainda não sabias disso, que a Química é pura Matemática. Eu conheço uma rede de Bioquímicos, quando eles desvendaram uma nova fórmula de uma enzima completamente nova, eles remetem a fórmula aos colegas da rede em forma de música. Por exemplo, $H^2O = 1$ para 2, é uma oitava. É possível expressar numericamente qualquer valência, equivalência, qualquer proporção. O mesmo acontece com qualquer geometria, com qualquer astronomia. Isso também foi mencionado ontem à noite. Esses movimentos geométricos maravilhosos que acontecem no céu em forma de eclipse, em forma de parábola. Aristóteles já dizia que deus faz geometria permanentemente. Seu conceito sobre deus era que deus é o imóvel que gera movimento. Isso também era o conceito medieval de Deus Pai: aquele

para a vida, e não em algum lugar fechado, trancadinho, num clube particular. Aí eu aprendi que a Sociedade Antroposófica e a Escola Superior são âmbitos em que se deve aprender algo, mas são apenas meios para um fim, não são um fim em si mesmas. E essa constituição vertical de uma comunidade de pessoas, em que se traz respostas que se efetivam e depois desembocam novamente na realidade da vida, é isso que é tão prazeroso e faz sentido. E ainda o aspecto interdisciplinar, onde todas as disciplinas são representadas por uma pessoa no colegiado. Aí acontece o desastre de Fokoshima e o Johannes rapidamente pode contar sobre radiatividade, trazendo os últimos avanços e descobertas; e eu coordeno a ajuda médica; e da seção pedagógica vai uma equipe que trabalha pedagogia do trauma e tenta ajudar essas pessoas que se encontram numa situação traumática e, como numa mesa redonda, onde se tenta desenvolver consciência do mundo e cada um aprende com o outro, porque o próprio âmbito disciplinar é tão reduzido e, além disso, tudo isso é mundial. Vocês nem imaginam a grande alegria de ter pela primeira vez na história do colegiado da Escola Superior, o primeiro representante brasileiro (salva de palmas). Isso é maravilhoso!

Assim como Sergej Prokoviev é o primeiro representante russo, isso não é simples, mas é interessante. E Seja Zimmermann, uma verdadeira finlandesa da gema, vindo da zona dos grandes lagos do norte da Europa. Quando visitou Sônia Setzer pela primeira vez, eu achei a piscina aquecida dela simplesmente horrível e sai no meio do inverno para nadar na piscina aberta e me senti bem. Eu sou finlandesa e não brasileira, e há pequenas diferenças. Na Finlândia, inventou-se a sauna e depois da sauna ia-se para a água gelada. Por que estou dizendo isso? Por um lado, espero que se entenda melhor o que é a Escola Superior. É um âmbito onde todas as seções – a médica, a pedagógica, a de jovens – são seções onde todos podem colaborar, não são pequenos grupos fechados de trabalho. Pertencem à seção pedagógica todos os pais, todos os alunos, todos os professores e, juntos, constituem essa comunidade vertical. Pertencem à seção médica todos os que trabalham no âmbito hospitalar, desde a equipe de limpeza e, inclusive, a secretaria, a recepção. E, às vezes, apenas 2% desses colaboradores são membros da Sociedade Antroposófica; às vezes, chega apenas a 1%. O meu tão querido hospital de Herdecker, com 1000 funcionários, têm apenas 3% de membros da Sociedade Antroposófica. Mas é assim que é necessário que haja esses 2% ou 3%, para que o trabalho ainda seja alimentado a partir dessa fonte da Antroposofia, mas evidentemente de forma cordial, livre, colocando-se à disposição. Esse conceito também está relacionado ao nosso tema, e por isso eu não tenho a consciência pesada por tê-lo trazido novamente hoje, nessa palestra de amanhã.

embrionário, o sangue é que se movimenta primeiramente, então, se forma o coração como reação. Atuar no sentido do coração significa primeiramente perceber, depois trabalhar aquilo que se percebeu, depois impulsionar para que aquilo se desenvolva; e sempre o ponto de partida é aquilo que está em meu redor e não eu. Por isso é que eles gostam quando os dirigentes de seções ficam por vários anos para poder perceber o que está acontecendo para então atuar, pois no começo se faz erros e isso é normal. Portanto, se Constança agora assume a direção da Seção de Jovens, qual é sua tarefa? Primeiramente, perceber o que os jovens hoje trazem, o que interessa a eles, aí Constança leva consigo a experiência do trabalho com os jovens alunos da escola. Depois, junto com outras pessoas, perceberá de que forma é possível atuar para que o jovem encontre o caminho. Então, estarão juntos, trabalharão juntos, e depois poderão efetivar o que eles trazem de anseios para, posteriormente, poderem trabalhar de fato no mundo. O que é que o Johannes Kuhl como dirigente da seção de ciências naturais faz? Ele busca saber onde é que estão, na atualidade, os grandes cientistas não ele; – desculpa Johannes, talvez você seja um –, mas na minha concepção, o trabalho dele é descobrir onde é que estão os grandes cientistas. Ou o querido Georg, que foi durante 18 anos dirigente da seção de Matemática e de Astronomia. Quando foi convocado, ele primeiramente entrou numa pequena depressão pensando ‘ó, meu Deus, o que é que eu vou fazer? Eu sou professor, eu quero continuar na formação de professores e agora tenho de me tornar um medalhão, que pesadelo’. Aí então eles discutiram e trabalharam isso em conjunto e chegaram a que, no fundo, atuar é um instrumento por meio do qual se conhece pessoas interessantes, dos mais diversos âmbitos da vida, e que promove o trabalho em conjunto. Entusiasmaram-se e assumiram. Especialmente para mim que deveria trabalhar no âmbito da medicina, o que era de extrema importância, pois eu amava a minha profissão e ainda hoje a amo, e não quis me afastar dela. Por isso era importante que eu soubesse, afinal, o que era uma seção e para isso esse esquema acima me ajudou enormemente. Pois para mim estava claro que Sociedade Antroposófica é essa união de esforços para apoiar a Escola Superior. E eu estava grata pela Antroposofia existir, e queria tornar-me membro da primeira classe: ‘eu também quero! Eu não sei o que é isso, mas eu quero aprender!’

Mas o que é uma seção? Rudolf Steiner não faz o esboço colocando-o na horizontal, mas totalmente vertical, com um traçado colérico. Essa seção médica – mercúrio –, evidentemente, se inicia completamente fora desses âmbitos, diretamente no mundo espiritual e desemboca na vida, fora da Sociedade Antroposófica. Aí, novamente, senti oxigênio, – pois eu quero na vida trabalhar

que movimenta o mundo inteiro sem ser movimentado. O autônomo.

O tempo está correndo e temo que acontecerá o mesmo que aconteceu a meu marido ontem à noite, que terminou pontualmente, mas deixou de mostrar todos os diapositivos. Porque ao abordar esses assuntos eles vão se ampliando e o tempo corre. Peço permissão para escolher cinco dos mais interessantes e que pretendo abordar numa das noites. Agora, eu gostaria de trazer um exemplo em relação ao que está na lousa, essa relação entre geometria e astronomia, a partir do que eu aprendi o quanto é desafiador, numa escola Waldorf, o ensino de geometria e de astronomia.

Ontem, nós já vimos que quando se quer ficar deprimido, basta olhar para o ideal da pedagogia Waldorf e, percebendo a própria insuficiência, de pronto se fica deprimido. Se quisermos evitar isso é preciso que nos exercitemos. Vamos deixar as estrelas no céu. Isso significa que olhando para o Quadrívio, vamos deixar a astronomia em cima, à esquerda e os exercícios geométricos permanecem na terra. Então a circunferência mais simples, já é bonita. Nada é mais estimulante para a autoestima e prazeroso para as crianças do que deixá-las fazer formas geométricas bonitas. Podemos entender porque isso na Idade Média não era uma ciência, mas sim, uma arte, pois de fato temos que treinar bastante até que a circunferência se torne bonita e redonda. Antes de continuar aqui, eu gostaria de falar acerca da evolução da ciência.

As universidades medievais começaram a partir da primeira universidade europeia, em Praga; existe outra ainda na Itália, acho que em Pádua. Nessas universidades, havia apenas quatro faculdades: de medicina, filosofia, jurisprudência ou direito, e teologia. Nessas sete artes livres, a matemática não aparece, apenas sob a forma de filosofia; e logo podemos perceber porque são essas quatro, pois a individualização do pensar avançou até o ponto que, pela primeira vez, deixou os templos e os mosteiros, para se tornar algo livre algo público. Isso significa que nos séculos 13 e 14 surge a possibilidade de, cada um, não mais em grupo ou segregado, mas cada um a partir da sua individualidade poder conquistar o saber; e surge então a figura do doutor e do bacharel. E esses são os verdadeiros heróis, aqueles que conseguem adquirir o título de doutor. E hoje ainda existem pessoas que têm mais respeito diante de um doutor do que diante daquele que não tem o título de doutor, apesar de se sentir que isso, nos tempos atuais, já não tem mais um papel relevante, mas na Idade Média era muito importante.

Do ponto de vista antroposófico, é interessante que a medicina é a ciência do corpo físico; filosofia é ciência do corpo etérico, do pensar; o direito é ciência

das relações humanas, da justiça e da injustiça do corpo astral, e a teologia é a ciência do ‘e eu sou o eu sou’. Isso quer dizer, estudava-se os quatro membros constitucionais do ser humano e o doutor era o ser humano que conhece a si próprio, que sabe se autodominar. E Goethe traz isso no prólogo de Fausto, onde diz: ‘Eu estudei a teologia, a filosofia, a jurisprudência e, infelizmente, também teologia, tudo com muito esforço, e agora estou diante de tudo isso e sou tão sábio quanto antes’. O que Goethe, vivendo nos séculos 18/19, percebe que - se eu apenas sei muito em todas esses âmbitos, e quando começo a transformar os doutores em autoridades, concedida pelo povo – afinal, os doutores é que sabem tudo – então, toda a ciência está se desviando do caminho. Por que? Porque evidentemente o mais importante ficou no meio do caminho, isto é, que o ser humano aprenda a compreender a si próprio e passe a atuar com responsabilidade. Isso quer dizer que Goethe formula questão relacionada à realidade. O que é que eu realmente sei? E formula questão relacionada a evidência e exterior e interior. De que me vale todo esse conhecimento se não me aproximar de mim mesmo? E aí ele formula o novo conceito de veracidade: se eu conheço a minha verdadeira relação para comigo e com o mundo, então eu conheço a veracidade. Veracidade não é algo absoluto que eu adquiro e então eu a possuo. Eu próprio preciso levar à uma relação comigo; se está correto para mim, então eu posso denominá-lo de verdadeiro. A arrogância e o abuso de poder são os lados sombrios da ciência, mas o maior perigo é que esse tipo de ciência comumente apaga o indivíduo. Porque se realmente queremos aprender uma ciência, somos oprimidos pela quantidade de coisas que precisamos saber e que não conseguimos abranger. Todos aqueles que já fizeram algum exame acadêmico sabem que, algumas semanas antes do exame, a autoestima está num processo como que de murchar. Se não tomarmos cuidado, esse tipo de ciência apagará rapidamente a nosso sentimento de eu. Certa vez, acerca de como melhor se preparar, um colega disse assim: ‘Michaela, pare de pensar e apenas sugue o saber para dentro’. Bem de acordo com aquela piada que, na verdade, contém algo bastante verdadeiro. Pede-se a um filósofo, um cientista, um teólogo e a um médico para decorar uma lista de telefone. O filósofo pergunta: por quê? Que sentido tem isso? O cientista diz: qual é a evidência da necessidade? O jurista diz: eu tenho livros para consultar e eu não preciso decorar. - É por isso que os estudantes de direito têm tanto tempo para o estudo-. O médico a pergunta: até quando?

Todas as quatro respostas mostram o ataque à individualidade. As ciências hoje têm tanto poder porque justamente eliminam, apaga o sujeito, aquele que tem interesse, que quer aprender, que quer se envolver. Nesse aspecto, Rudolf

O que existe de novo nessa Sociedade Antroposófica é a intenção da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual. A Sociedade Antroposófica passa a ser como que um órgão de fomento e estímulo dessa Escola Superior de Ciência Espiritual e, por essa razão, não há condição nenhuma para se tornar membro dela, cada um está livre para participar, desde que pague uma contribuição para manter o Goetheanum, caso contrário ele vai falir.

Em segundo lugar, essa Escola Superior Livre de Ciência Espiritual tem uma primeira, uma segunda e uma terceira classe (comentário da tradutora: Escola Superior de Ciência Espiritual é a tradução direta do alemão, mas na nossa linguagem quer dizer de nível universitário). E há uma condição para o ingresso em cada uma dessas classes. Para o ingresso na primeira classe são as três condições que eu mencionei: querer aprender a seguir esse caminho; querer trabalhar em conjunto e a terceira é que querer realizar um bom trabalho. Isso significa que queremos aprender, por isso trata-se de uma escola, portanto não é aquilo que já sabemos. Muitas vezes, isso não é compreendido corretamente. Pensa-se que lá em Dornach estão sentadas as eminências pardas que sabem de tudo e controlam tudo. Mas Rudolf Steiner, já na sua época, tinha esse problema de que as pessoas queriam fazer dele uma eminência parda, e ele não queria isso. Ele dizia que, nessa escola, o funcionário não é uma autoridade de ensino. Ou seja, ninguém é convidado para trabalhar lá por aquilo que alguém sabe, ou porque ele sabe mais do que outras pessoas. Já quando Rudolf Steiner escreveu o livro sobre a Teosofia, na introdução ele coloca: “Caro leitor, não acredite no que eu estou escrevendo”, mas deve, isso sim, pensar sobre isso. Um fã-clube para Rudolf Steiner teria sido o verdadeiro pesadelo; ele, o grande chefe; e o público um fã-clube. E por causa disso é que ele diz que esses funcionários do Goetheanum não são autoridades de ensino, mas autoridades da atuação. E a forma de atuação ele explica com exatidão. Ele diz que o Goetheanum tem apenas uma tarefa, quer ser o órgão do coração dentro da vida cultural da contemporaneidade. O que faz o coração? O coração percebe toda a periferia do organismo através da circulação do sangue, percebe como está esse organismo; se há saúde, se há situações de doença. O oxigênio vivificador é levado para a periferia e tudo aquilo que já foi esgotado é retirado do organismo. Atuação significa perceber o que é necessário, e estimular aquilo para que na periferia haja maior autonomia, maior competência, maior possibilidade de trabalho. Aí é que pulsa o coração, quando a circulação periférica está ativa e o sangue flui para o coração. Pode-se brigar bastante para descobrir o que existia primeiro – a galinha ou ovo. No coração, fica bem claro quem existiu primeiro; no desenvolvimento

no trabalho com crianças com dificuldades de adequação por conta do excesso de exposição à televisão, ou mesmo com crianças com questões com a dicção, obtiveram excelentes resultados por meio de exercício da ginástica Bothmer, pois se trata nesses casos de distúrbios de orientação na corporalidade física e é como se nós não conseguíssemos permeá-la. Depois tivemos ontem, à nossa frente, a apresentação dos pais das escolas e, no final, nós ouvimos que eles gostariam de ter-nos sempre aqui. E assim como eles, eu gostaria muito de ficar aqui. Pois, claro, é uma festa quando se pode ficar com tantas pessoas motivadas, podendo ficar por vários dias numa situação apropriada. Tanta comida boa, tantos beijinhos, tantos abraços, isso é uma poupança para os próximos três meses na Europa. Quando se vai embora daqui, fica-se com sintomas de abstinência.

O 3º ponto é que eu deveria contar algo sobre a Escola Superior de Ciências Espirituais e, hoje de manhã, tive a sensação de que isso não logrou. O que eu acho que chegou a todos foi que para adentrar essa escola precisa-se de três condições que, na realidade, são obviedades. Pois é claro que quando se quer entrar na escola é preciso dizer o que se quer aprender. E as três coisas que ainda não se sabe e queremos aprender é: que eu encontre aqui o meu caminho; que eu aprenda a desenvolver uma competência social e a lidar com pessoas difíceis como eu; porque a grande vantagem da Sociedade Antroposófica e da Comunidade Antroposófica é que nela é possível aprender – com excelência – a competência social. Eu andei bastante pelo mundo afora e não encontrei em nenhum lugar tantas pessoas originais, esquisitas e complicadas como nesse contexto. Essa é quase a nossa qualidade distintiva. E, por outro lado, em parte nenhuma tanta motivação de trabalhar em si e também de transformar o mundo ao redor de forma digna para o Homem. Essa segunda questão também é evidente, claro que queremos alcançar uma capacidade do trabalho conjunto com outras pessoas; o terceiro aspecto é que realizemos algo pelo mundo, que se tenha uma representatividade, que se possa entrar em contato com o âmbito público, isso também é uma propriedade. E quando, então, se aproxima mais e começa-se a adentrar o âmbito dessa Escola Superior Livre de Ciência Espiritual encontram-se aspectos bem interessantes. Quando Rudolf Steiner, em 27 de dezembro de 1923, dá o poema da Pedra Fundamental sobre o qual a Luiza Lameirão falou no primeiro dia, quando ele reconfigura, refunda a Sociedade Antroposófica, ele fez um esquema como esse na lousa onde tudo se transpassa, onde tudo está em ângulos retos, afirmando sempre que Rudolf Steiner não fazia ângulos retos, mas aqui ele os traça; porque aqui se trata de uma estruturação totalmente clara fundada na corporalidade física no âmbito social.

Steiner está de acordo com Goethe que o ideal moderno deveria ser o seguinte, que o ser humano individual aprenda a adquirir uma visão abrangente de como conseguiu por meio da sua própria competência para adquirir conhecimento, para lidar com o saber de forma responsável, de forma saudável, de maneira que não se elimine o eu, mas que se estruture e elabore a autoestima, a autoconsciência do outro.

Caros amigos, agora eu vou trazer alguns exemplos de problemas do período escolar Waldorf. Havia um professor de física para o ano preparatório aos exames finais que levava, no mínimo, dois a três alunos – na lousa –, ao choro e desespero. Existe também por parte dos professores Mobbyng, não só por parte dos alunos. Sem exceção, eram meninas, não maltratava dessa forma os meninos. E para um bom professor de física é muito fácil constatar, em cada aluno, onde estão seus limites. A maneira de eu conseguir escapar dele, foi a de nunca me manifestar, permanecendo de forma simpática no meu lugar, tentando não aparecer, adquirindo um livro de física e, à noite, com a minha mãe e estudando física. Não era o ensino Waldorf ideal.

Em algum momento também aprendi as leis de Kepler na escola. Eu achava que não havia o menor interesse e, na verdade, teria me esquecido não tivesse, por acaso, me casado com um matemático. Como ele pode ser fã de Kepler? Certa vez, perguntei: o que há de tão interessante nessas leis? Ele, então, me explicou. Para mim ficou claro que realmente é assim. Eu percebi que o conceito moderno de ciência é não saber, como era antigamente.

Ciências também não é apenas aprender a pensar, aprender a formular boas perguntas, pois isso leva a saber mais; se eu faço uma pergunta eu recebo uma resposta. Porém é o conceito moderno de ciência que nós também cultivamos na escola Waldorf desde o primeiro ano. Reconhecer o contexto no qual uma pergunta faz sentido e como uma pergunta surge a partir desse contexto. -Eu aprendi as leis, de Kepler, da seguinte maneira: todas as trajetórias dos planetas são elipses e em um dos focos está o sol. É o saber astronômico isolado. E se a pergunta do aluno do tipo ‘para quê tenho que saber isso?’, o professor responder ‘porque precisa saber para o exame’, é uma das respostas mais bobas que se pode dar a um aluno. Ou, como se ouve nas escolas tradicionais quando se diz isso é preciso aprender por que está no livro escolar. Ai o aluno é para ter vontade de aprender? A resposta certa do professor seria: “porque eu acho tão interessante e ontem mesmo descobri mais alguma coisa nova a esse respeito”. É melhor os alunos irem para casa com a impressão de que é engaçado o professor ter interesse por uma coisa dessas. Mas é preciso deixar a alegria para ele, o aluno vai

pensar ‘alguma coisa deve ter aí para o professor se interessar tanto’. Ao menos a alma participou um pouco, apesar de a gente pensar: ‘mas para mim isso ainda não é a gema do ovo’.

Segunda lei de Kepler: Um raio até a periferia, tomando, por exemplo, a trajetória do planeta Marte, então é o raio que vai até o Sol. Então, voltando: todas as trajetórias planetárias são elípticas e no foco se encontra o Sol. E isso vale para todos os planetas, inclusive para a Terra. Porque segundo o meu marido, chegamos agora no sistema heliocêntrico, e a I; naturalmente, a Terra também caminha de forma elíptica em torno do sol... Portanto, Marte, quando está bem afastado do Sol, percorre essa trajetória e forma um ângulo que no desenho foi tracejado.

A segunda lei de Kepler diz que esse raio sempre passa num mesmo espaço de tempo, percorrendo áreas iguais. Isso quer dizer que o primeiro caminho se relaciona com o segundo caminho, ou melhor, esse primeiro tempo que Marte precisa para passar pela superfície, esses dois tempos são iguais, independentemente do tamanho do raio, o que significa que essa superfície é igual; para o mesmo tempo, as mesmas áreas, isso significa que mesmo quando há um raio maior e outro menor, o tempo que leva para percorrer esse ângulo é igual, pois a superfície é igual.

Ontem à noite, meu marido contou que Kepler era míope e um matemático genial. Tycho Brahe (astrônomo dinamarquês) enxergava longe, era hipermetropia e tinha uma observação muito precisa. Pelo caráter eram tão diferentes que só podiam brigar entre si e, por isso, num determinado dia, decidiram se tornar amigos em favor da ciência, semelhante a bons cristãos, afinal, um cego e um manco devem se ajudar. Tycho é capaz de observar minuciosamente e medir tudo; daí oferece os resultados de suas medições ao Kepler. E ele é o empírico e Kepler faz cálculos, mais cálculos e mais cálculos e, finalmente, descobre a sua primeira lei e chora copiosamente, pois esses planetas divinos deveriam seguir trajetórias divinas, ou seja, circulares, mas são elipses. Algum diabo vergou a linha e isso o levou ao choro. Ao descobrir a segunda lei ele não chorou, já estava um pouco mais esquentado (reta dos ângulos). Porém, quando as conseqüências ficaram claras para ele, houve como uma novo impulso para a sua obra principal musical chamada “Harmonis Mundi”

Primeiramente vou contar como foi que eu aprendi, não foi da forma que acabo de contar. Isso eu aprendi com meu marido. E tive que aprender a primeira lei, a do círculo com Marte dentro. Depois o círculo com os ângulos e as áreas; depois tive que decorar a fórmula; tem que aprender a traçar os cubos sobre

euritmia. Só que fazem de forma perfeita, sem professor de eurgia, mas sob a orientação de Deus. Nos alunos, vocês podem perceber onde isso já existe incipientemente ou onde ainda não existe. Dá para perceber perfeitamente quando ainda vem de fora, através da boa relação com o professor, ou então onde já não se precisa mais do professor, por exemplo, com o aluno mais dotado. Tem-se então a sensação de que o aluno mais dotado já está dentro desse movimento, tipo: ‘isso é comigo’. Rudolf Steiner queria que os alunos do ensino médio se exercitassem profundamente nas três cores de cada figura de eurgia. Refletem por quê? É para aqueles que não sabiam o que é, e existe uma cor para o vestido que hoje foi o branco. Ainda existe uma cor para o véu que hoje também era branco e existe uma cor interior invisível que só se enxerga na figura de eurgia, onde são feitos determinados traços, geralmente, nos membros ou então num ponto da testa. A cor do vestido é a cor da forma; é assim por dizer o pensamento por trás da coisa, reconhece-se que significa algo. A cor do véu nos mostra o sentimento, como faço esse movimento; e a terceira cor nos mostra a intenção do caráter, se eu executo com movimentos rápidos, fortes ou delicados, portanto de acordo com o pensar, sentir e querer e executar cada particularidade com exatidão, que sentido faz tudo isso? Encerramos com essa pergunta e ainda ouvimos o nosso poema da pedra fundamental.

Que reine.....

Quinta palestra da manhã

Hoje de manhã, quando vinha de carro com Peter, fiz o seguinte comentário: chegando ao final de um evento como este com uma temática tão ampla, me sinto como uma criança com uma pazinha de brinquedo cavoucando um pouquinho no Mont Blanc. Ontem à noite, nós vimos uma maravilhosa apresentação de ginástica Bothmer e eu gostaria de agradecer em meu nome, em nome de Georg Gloeckler e de Johannes Kühl, que vieram da Europa e agradecem a oportunidade. Uma ginástica como esta existe somente no contexto da escola Waldorf, uma ginástica que não é tão simples como normalmente estamos acostumados a ver; mas é uma ginástica onde se tenta reproduzir a estrutura cristalina da nossa organização corpórea através de movimentos claros, cristalinos, conduzidos a partir de dentro. Isso ajuda a crianças a se encarnar na corporalidade física e, dentro dela, aprender a ter exatidão e alegria no movimento. Eu tive a sorte de ter na escola de Witten, na qual trabalhei, uma professora de ginástica Bothmer, com quem também trabalhei. E justamente

que traz um teto e um chão, formando um espaço que é, depois, ocupado de maneira maravilhosa; de fato tornou-se o espaço dela e ela tornou-se bem grande. Deixou de ser uma pessoa pequena. Pudemos observar que euritmia tem um aspecto de espaço vinculado à arquitetura, está inserida no espaço e, quando se tem à disposição um grupo inteiro como no primeiro dia da apresentação dos alunos, então, de fato se tem arquitetura no espaço, depois tudo adquire um comportamento escultural e plástico; depois tudo se torna estético, colorido. Ela estava com um vestido branco com cabelos pretos, feito Branca de Neve, ou como um anjo. E se movimentou maravilhosamente, harmonicamente. O aspecto pictórico colorido também se apresentou, mas também aquilo que é específico da cor, para fora a manifestação preto-e-branco e um pouco de encarnado; as cores, que levam o anímico para a parte superior e deixam brilhar, mas também ouvimos palavras de Goethe. Ele pinta uma imagem interior e em cores que se seguem e nós podemos vivenciar cores internas, e uma paisagem anímica interior é pintada, a imagem mais grandiosa da liberdade, o sol brilha sobre os maus e os bons. Isso também é citado do Novo Testamento e Goethe, aqui, nesse poema, elabora de maneira artística. Também o criminoso tem chance de passar por um processo de tornar-se bom. E nessa região limítrofe da pintura, onde se encontram o interior e o exterior, estão aquelas artes que estão mais vinculadas ao espaço, tais como a arquitetura, depois alto-relevo, e escultura, pintura e chegamos ao limite. Essas artes espaciais, nessa superfície colorida da pintura que separa o interior do exterior, agora se interiorizam para as artes temporais, aquelas que acontecem no tempo, música, euritmia tonal, que nós vimos na primeira noite e, hoje ainda, a euritmia verbal da fala, mas agora não uma fala qualquer, mas uma linguagem elaborada de maneira artística. Depois vem a euritmia, ela própria com arte, e esta é a arte que leva adiante o desenvolvimento do próprio corpo. Cada movimento que eu aprendo de novo precisa ser percebido através do meu sistema nervoso e transforma o meu cérebro, e com isso a minha sensibilidade e a minha consciência. O que eu faço um dia hei de compreender, assim como as crianças, que fazem muitas coisas que ainda não compreendem. E quem procura um caminho reto e seguro para dentro da clarividência, esse pratica muita euritmia, porque a euritmia acaba por adequar o corpo físico aos fluxos etéricos.

Atualmente, nós conhecemos todas as tendências do movimento de formação embrional através de ultrassom e filmagens intrauterinas, durante a formação do feto, na gravidez. E vocês, olhando essas gravações, podem perceber como o embrião faz euritmia. Eles nem podem fazer outra coisa diferente a não ser

as metades dos eixos maiores que estão relacionados entre si, com o tempo da trajetória ao quadrado. Isso é bem divertido, tempo ao quadrado, que significa isso? E o que significam os cubos sobre a metade dos eixos? Dá para decorar isso aí. Isso é saber, mas não é ciência. E como é possível ensinar numa escola Waldorf a fim de transformar saber em ciência? Falando nas palavras de Goethe: ‘descobrimo a minha relação com as leis de Kepler, surge em mim uma evidência interior’. Esse tipo de conhecimento a partir de se fazer relações de inserções no texto, por meio de perguntas e questionamentos. No primeiro caminha e rico trata-se a do caminho em torno do sol, trata-se de uma linha pura, de uma trajetória que estranhamente todos os planetas iguais caminham em forma de e elipse ontem, a segunda lei trata-se de uma área e do tempo de percorrer essa superfície. Quando Kepler pôde finalmente criar uma imagem disso para si, ele ficou bem animado, pois na elipse o planeta desacelera sua velocidade e na parte menos inclinado ele acelera a sua velocidade se o tempo de percorrer deve ser igual para cruzar a área. Por exemplo, para acusar o ângulo longo pelo mesmo tempo que para cruzar o ângulo aberto no desenho. Isso significa que no ângulo fechado Marte caminha mais devagar e no ângulo aberta ele caminha mais acelerado. (a palestrante demonstrou com mãos e uma parte também em volta da tradutora) e ela exclamou que é um ritmo maravilhoso. Ela ficou muito contente de ser da platéia é Kepler.

Vem a pergunta o que é o ritmo? Foi a famosa pergunta que Hauschka, fundador da Walla, fez a Steiner: doutor Steiner o que é a vida? Muito carinhosamente Steiner respondeu: caro Hauschka e estude os ritmos. O ritmo carrega a vida. Hoje nós sabemos disso. toda a biologia é cronobiologia. Ritmos Circadianos, ciclos regulatórios, mecanismos inibidores competitivos por meio de e ritmos, processo os retroativos. Portanto nesse sistema de planetas que é o arquétipo de todos os ritmos que encontramos na vida na Terra deve ser suporte da vida e nós estamos inseridos nessa vida, nesse sistema pulsando no sistema rítmico nós somos uma parte da Terra pulsando nesse todo.

- Dentro desse sistema rítmico macrocósmico, com a nossa terra, nós estamos inseridos nesse ritmo nesta vida, nessa vida que carrega o ritmo. (resumo)-

Na Terra toda a vida depende do sol que está no centro desses ritmos. Nós somos parte desse seu sistema rítmico. Estamos na aura dos movimentos planetários solares e ai Kepler recebeu de volta sua fé em Deus, pois isso apenas é possível por meio das elipses, pois num círculo. Se as trajetórias planetárias fossem círculos (fez no palco), como um burguês, sempre na mesma velocidade, seria tedioso e realmente morto não haveria respiração, nem ritmo, sem variação.

Isso seria o fim de Deus. Não haveria desenvolvimento, nem evolução, nada seria possível. Portanto, foi necessário o diabo deformar um pouco esse círculo.

Não consigo desenvolver a 3ª lei de Kepler, pois a sagrada tarefa do professor é terminar pontualmente.

Mas vocês têm a chance se pensar como vocês mesmos a levariam para os alunos o quadrado do tempo em relação ao cubo sobre a metade do eixo.

Para finalizar ainda ouviremos o poema da Pedra Fundamental da escola de Stuttgart

Que reine.....

Terceira palestra da manhã

Nós aprendemos algumas coisas sobre as ciências. Uma dessas coisas é que por meio da ciência aprendemos a compreender em que contexto determinadas perguntas são colocadas e de que maneira, metodologicamente, com absoluta consciência e de forma reproduzível essas perguntas podem ser respondidas. E isso faz da ciência algo, por um lado, muito seco, mas por outro lado algo acerca do qual temos o controle sobre todas as partes que a constituem. E evidentemente a ciência-rainha é a matemática, pois apenas a matemática, entre todas as ciências, dá a possibilidade da demonstração. As outras ciências mostram, evidenciam seus resultados, mas, por exemplo, não é possível demonstrar do ponto de vista lógico formal a existência de uma begônia. A existência dela está garantida pela percepção e pela comunicação reproduzível da experiência de sua existência. Enquanto que na matemática, a partir da lógica inerente em nós, é possível constituirmos um raciocínio demonstrativo. A isso está relacionado um fato extremamente surpreendente quando nos conscientizamos dele. Por exemplo, imaginem que o meu esposo é extremamente diferente da tradutora Constança, entre eles são muito diferentes. Quando Constança faz uma demonstração matemática, o meu esposo compreende isso de imediato. Quando o meu esposo fala um conteúdo matemático e a Constança o traduz, ela imediatamente compreende sobre o que ele está falando. O que é que subjaz para que esse fato seja possível? Evidentemente, de forma independente das diferenças entre as pessoas, seus anseios, suas inclinações, independentemente dessas diferenças há algo igual e subjaz nos seres humanos, há algum elemento que subjaz em todos os seres humanos que é sobre-individual, que está além do individual. Isso é 150% uma característica geral do ser humano. E esse elemento é o pensar. O pensar é assim por dizer uma linguagem primordial. Todos nós a carregamos internamente

tua onisciência, porque tu não assumiste medidas preventivas para proteger os teus? Onde ficou a tua onipotência? Por que não caiu fogo do céu? Não veio nenhum terremoto para destruir isso? Por que fazes uma criação tão linda e depois abandonas em mãos de tais malucos? Não consigo compreender. E no silêncio desse não compreender, nessa impotência, nesse desespero surgem para ele novos pensamentos. E ele se pergunta, será que tu queres que nós humanos aprendamos a assumamos a responsabilidade, a habilidade sobre a tua criação? Queres partir para o âmbito da impotência e entregar a nós todo teu saber e também o teu poder, para que assim nós possamos aprender a saber lidar na distância na ausência de Deus, em reflexão solitária própria? E cada vez mais se condensa nele a seguinte resposta: o Deus onipotente e o Deus onisciente pertencem ao passado. Nesse período, os seres humanos eram como crianças e necessitavam de total condução, agora a humanidade é adulta. Deus assume o risco de que a humanidade se torne livre e assuma a responsabilidade. Aí chega um momento em que também Jonas entra num entusiasmo sagrado, quando ele percebe que existe um âmbito onde Deus e homem permanecem intimamente ligados, sem pôr em risco a liberdade e a plena responsabilidade do ser humano. Existe uma qualidade que é compatível com o saber e poder com consciência, com liberdade e responsabilidade. E isso é o amor.

Daí ele escreve no seu ensaio filosófico: ‘Agora eu sei onde estava Deus quando aconteceu Auschwitz. Ele estava lá como o Deus do amor, mas não como Deus onipotente e onisciente’. E podemos dizer que dentro da sua crença judaica ele tem o encontro com esse Deus do amor, em suas palavras não é um Deus da onisciência e da onipotência, mas um Deus da impotência e da liberdade. Pois o amor é maior do que essa força do saber, essa força da impotência, o amor é a força que integra toda a criação. Se for possível trabalhar o conceito de Deus no ensino médio dessa maneira, com o professor de matemática ou de astronomia, vocês notarão que isso impressiona profundamente os alunos. Aqueles professores que sabem tudo escrevem tudo maravilhosamente na lousa, são tão grandes e seus alunos tão pequenos e, de repente, se esses mesmos professores conseguirem ao conversar, ao falar, abordar esse outro aspecto, sobre as conseqüências dessa ciência, os alunos podem tornar-se como crianças, ficar admirados diante da magnitude dessa criação. Então essa ciência será como que dissolvida numa comunidade, num processo artístico que culmina numa intimidade religiosa.

O nosso tema hoje é a arte. Nós começamos com um belíssimo poema de eurtímia. E nós vimos a eurtímia aqui como uma arte de integração. Pois o quê havia em tudo? Havia formas. É como aqui; uma linha; um círculo, uma forma

o processo, busca algo aberto, não determinado. A religião busca confirmação, a vivência de ser, de existir. Portanto, o aspecto religioso foi para Kepler uma compreensão nova fundamentada em Deus. Na primeira lei ele perdeu a sua fé infantil; passou a trabalhar intensamente com seu amigo, chorou, sofreu animicamente e finalmente vivencia o seu Deus ressurreto, dentro dele mesmo. E chega ao mesmo conceito de Deus como Rudolf Steiner e Goethe. Goethe diz; o que seria um Deus que manipulasse apenas de fora e empurrasse? Que deixasse o universo girar em torno do seu dedo? A ele compete mobilizar o mundo dentro de si, de cultivar a natureza dentro de si e ele próprio dentro da natureza. Como Constança já citou anteriormente, em ‘*Os fundamentos da teoria científica de Goethe*’ Rudolf Steiner diz: ‘Deus não se absteve ao criar o homem. Ele conduz a criação a partir de dentro. Deus é o fundamento do universo e se derramou totalmente no mundo. Deus, esse fundamento dos mundos, têm metas, então essas metas divinas têm que ser idênticas às metas que o ser humano se coloca como parte dessa criação. Nos Evangelho nós lemos o seguinte: Deus é espírito e aqueles que querem adorar a Deus que o façam em espírito e na verdade. Deus vive em toda a busca de conhecimento verdadeira, honesta e sincera. Ele é o caminho, é verdade e a vida. Aí se torna bem concreto, mas também artístico, orientado ao processo. Mas também é possível concebê-lo como choque de responsabilidade porque se percebe de fato que Deus se sacrificou para dentro do homem. De que forma? Isso está vinculado àquele organismo etérico. Uma parte está encarnada e segue as leis naturais divinas. Uma parte dessa natureza é libertada do corpo para a atividade espiritual totalmente livre. Nem Deus nem a natureza decidem sobre aquilo que eu penso, eu mesmo é que o determino. Isso tem conseqüências incríveis. A conseqüência mais radical eu vivenciei com Hans Jonas. Ele era o grande filósofo ético do século passado. O sobrenome já fala da sua descendência judaica, ele era crente judaico fervoroso. Quando ouviu que a sua mãe perecera nas câmaras de gás de Auschwitz, entrou numa profunda crise com Deus. Conforme a concepção da crença judaica, Deus não pune pessoas justas e ele conhecia a sua mãe como a pessoa mais justa, a mais bondosa que ele encontrara em sua vida. Assim, para ele ficou claro; ou não existe Deus e tudo em que acreditei até agora é falso ou então Deus modificou a sua relação para com os homens. Em outras palavras, quando a religião judaica foi fundada ela era diferente do que é agora. E como era filósofo começou a pensar, formulou muitas perguntas e não recebeu respostas. Era como um jovem e começou tudo do princípio; e fez muitas perguntas a Deus dizendo: Onde estavas tu quando aconteceu Auschwitz? Por que tu não pudeste antever? Onde ficou a

e cada um traduz esses pensamentos universais para a sua própria linguagem. Na Suíça, onde eu vivo há 22 anos, em cada vale, e a Suíça é repleta de vales, existe um dialeto diferente. E os suíços, entre eles, conseguem ouvir de que lugar procede cada um. (A palestrante falou o “bom dia” em vários dialetos). As diferenças são sutis, mas elas existem. Cada língua é uma interpretação individual dessa língua universal, geral, que é o pensar. Por exemplo, o pensamento, o conceito “destino” que nas nossas línguas romanas significa “o lugar onde eu vou chegar” é diferente na língua alemã. Nesta, é mais como na Antiga Índia, no sânscrito, porém não tão forte. Em Sânscrito, destino significa “o que eu carrego comigo na minha mochila”, o que eu tenho que levar comigo. O carma é o meu fardo. A palavra Schiksal (destino), no alemão, significa tudo o que me foi enviado mas não sei quem é o remetente. Eu recebo permanentemente cartas sem remetente e não sei de onde que elas vem. As palavras da língua alemã Schiksal e schiken – esta segunda significa “mandar” – têm a mesma raiz.

Ontem, por exemplo, depois da minha palestra em Bauru, um homem me abraçou com lágrimas nos olhos. Isso foi destino. A minha sorte foi ter Sônia junto (como tradutora), o que tornou a conversa mais objetiva. Não dá para escapar, é assim, vem alguém e abraça. A palavra alemã *schick* ainda tem dois outros significados. O primeiro aspecto é que algo me é enviado do mundo ao redor, mas essa palavra também tem um aspecto mais chegado ao sentimento que tem a ver com a palavra francesa *achic*. Poder-se-ia também perguntar se os franceses não pegaram essa palavra dos alemães. A raiz dessa palavra ainda tem a ver com outra palavra: *geshick* = habilidoso, o que está mais ligado ao aspecto do espaço espiritual: uma habilidade. Habilidade no sentido de que a minha corporalidade está capacitada com o dom de realizar algo. Minha alma se comporta de uma forma bela e o meu corpo constantemente é bombardeado com fatos que vêm ao meu encontro e do qual não posso escapar. E assim cada língua tem a sua própria interpretação daquele conceito que neste caso é o conceito de destino, no sentido mais restrito ou mais específico. A linguagem da ciência é a linguagem do pensamento. A ciência é a linguagem primordial dos homens. Por isso, esse desejo de todos homens de fazer parte da ciência. Sente-se que sem ciências, sem saber, sem certeza, é como se me faltasse algo, como se ficasse sem eu, sem a direção. Por isso pode-se constatar que, após o período em que a humanidade desenvolveu o pensar, cada época detém a sua própria forma de ciência e uma parte dessa história do desenvolvimento da ciência eu trouxe na palestra de ontem e Johannes Kühl o levou adiante, adentrou esse tema no âmbito pedagógico até a atualidade.

O currículo Waldorf dá muita atenção ao desenvolvimento sutil, diferenciado e lento das competências cognitivas. E, sobretudo, esse currículo presta uma atenção sagrada para que os alunos não possam cair no erro, no engano de que os professores possam dar-lhes, conceber-lhes os conceitos e as leis. Seria de fato um pecado original do professor se houvesse entre os alunos essa sensação. Eu vou apresentar um exemplo sobre isso:

Eu tive a sorte de, durante os dez anos em que trabalhei como médica escolar, acompanhar as crianças fazendo exame médico antes de ir para o primeiro ano. Eu fazia os mesmos testes para poder testar e verificar todos os sintomas de uma maturidade escolar. E com as mesmas tarefas propostas, cada criança se coloca de forma completamente diferente, reagindo de forma totalmente individual. E quando eu testava as capacidades cognitivas da matemática, eu tinha uma cestinha com bonitos blocos de cera Stockmar (aqui no Brasil tem Apiscor). Eu tirava alguns e perguntava para as crianças quantos havia ali. Algumas crianças respondiam; ‘não sei’; outras começavam a contar, mas também havia crianças que simplesmente diziam “nove”, como um tiro. Então, eu esvaziava o cestinho e o embarcava sobre uma parte dos blocos. Então eu perguntava quantos haviam desaparecido. Novamente os três tipos: um dizia – ‘não sei’, ou então ficavam num longo pensar e depois aparecia uma resposta certa ou errada. Muitas crianças também adivinham e já fazem o teste de múltipla escolha. Lembro-me bem de um menino que respondeu com um tiro: ‘quatro’. Essa resposta veio tão rápida, que o menino parecia condescendente comigo, por causa da pergunta boba que eu havia feito. Eu me senti como se tivesse diante de mim um ser sábio em um corpo pequeno; e eu diante desse ser, sem graça. Eu tive uma atitude totalmente antipedagógica e perguntei ao menino: ‘Hei, como é que você conseguiu fazer isso tão rapidamente’. Ele, da mesma forma, respondeu altivamente: ‘eu sei contar invisivelmente’.

Isso é como um fenômeno primordial: eu tenho esse mundo dos pensamentos na minha frente. Nós vivemos e compartilhamos a vida dentro desse mundo dos pensamentos, nós observamos conjuntamente estes pensamentos.

‘Você, querido professor, apenas pode me ajudar a acordar, despertar. Toda sabedoria do mundo está dentro de mim: a matemática, medicina, tudo. Aprender significa no fundo apenas ficar consciente de que sei tudo. Nem pense que você pode me ensinar algo. Quando você pensa que me passa algo é uma terrível manipulação. Isso praticamente é uma violência espiritual. É uma tentativa sua absurda de tentar imprimir em mim a suas nobres tentativas de compreender algo’.

o ser humano, questionando - o que você (ciência) tem a ver com o ser humano? Como é o seu significado com a vida? Qual é tua relação com Deus? O que posso fazer e como se faz? Você tem um valor para eu buscar conhecê-lo?

Pode perfeitamente acontecer que vocês tenham que ensinar algum conteúdo o qual não consigam se relacionar, que vocês mesmos o considerem teórico. E mesmo no ensino médio, ou nas classes maiores do ensino fundamental é possível dizer: ‘estou curioso em saber como vocês vão encontrar a relação com a vida, pois no preparo eu ainda não consegui uma verdadeira relação, mas talvez encontremos em conjunto’.

Qual é o mistério da pergunta? É o mistério da arte. A Arte vive da pergunta constante. A atividade criativa do artista é justamente uma atividade que ele executa para responder perguntas e ao mesmo tempo gerar novas perguntas. Pode-se afirmar que um ser humano vive tanto mais intensamente quanto mais perguntas ele tem. E uma pessoa tanto mais se exclui da vida quanto menos perguntas ela tem. Quando é que os alunos chamam os professores e os pais de “Grufti” (gíria em alemão dos jovens para os velhos), que significa algo como ‘deitada na cova’. Alunos só fazem isso com professores e pais quando percebem que esses não têm mais perguntas, na verdade, eles já estão mortos, na verdade já poderiam ir para a cova. Ou então, os alunos têm a percepção de que, se perguntarem algo para o adulto, já sabem o que ele vai responder, nada mais vive nele, nada se move, nada vive, está como morto, acabado. Existe uma diferença profunda entre o verdadeiro adulto e um jovem. Quando um adulto verdadeiro pergunta, ele quer uma resposta, mais sucinta, melhor, quanto mais rápida, melhor. Por que? porque ele mesmo já pensou em tudo. Ele já deu para si todas as respostas possíveis dentro da sua capacidade; ele não está verdadeiramente aberto a receber algo novo. Mas quando se é jovem, ainda à procura e nem confia em todas as suas respostas, então procura-se alguém com quem ainda é possível mobilizar algo. Nesse caso o jovem não quer resposta alguma, procura uma conversa totalmente aberta. Procura processo, mas quer, ele mesmo, ser ao mesmo tempo a meta e não gosta que o outro lhe diga a meta pronta. Esta é que é a diferença. Eu acho um pouco discutível quando se diz, hoje em dia, que não se faz mais palestras e conferências, que tudo deve ser tratado em diálogo. Pois se trata de qualidades totalmente distintas. Se eu quero saber algo eu não quero uma conversa, eu quero uma resposta, mas se eu busco um processo, caminhos em conjunto, eu ainda não quero saber nada concreto, eu quero aprender a procurar, o processo, então quero a conversa. A ciência busca o resultado, isso é sempre algo bem adulto, quase supra-adulto. A arte busca

melhor do que eu, e quem vai saber ler sem o papel melhor dou que eu'. Nesse caso estabelece-se uma relação de camaradagem leal plena de caráter para com o aprendiz. Se por outro lado, um professor do ensino médio (ela aponta para lousa onde estão as leis de Kepler) diz: - Do ponto de vista matemático e astronômico nós compreendemos isso, mas o que isso significa de fato? Aí os alunos, de repente, estão interessados. Eu não posso passar todo o processo de como ciência e arte perpassam o aspecto religioso, mas eu posso dar pequenas orientações. Pois se tivesse mais tempo seria possível resolver tudo por meio de perguntas, tarefas e exercícios. O aspecto religioso é aquilo que Kepler sofreu intimamente, aquilo que ele vivenciou em seu eu, internamente. Ou seja, que as trajetórias dos planetas não são circunferências perfeitas. O que é tão específico é o fato de serem elipses e que, então, a partir disso, resultou um processo rítmico dessas trajetórias e que, de repente, todos os planetas inclusive a Terra são suportados pela interrelação entre os ritmos de todos, pois cada planeta tem um ritmo em torno de seu próprio eixo; cada eixo tem uma inclinação individual para cada planeta e cada um tem a sua velocidade de trajetória individual em torno do sol. E as grandes superfícies de trajetória abordadas vibram entre si e estão relacionadas entre si semelhantes estruturas intracelulares. E finalmente, na terceira lei: a vida é em estado puro. Kepler se defronta com o seu criador. Ele escreve em seu diário: quando reconheci isso quase me causou um estado de loucura sagrada. E porque ele entra nesse estado de loucura sagrada? Porque tudo na vida está numa interdependência. E ontem à noite, Johannes Kühnl explicitou bem como surge o tempo ao quadrado. Quando faço em relação à velocidade de Marte para a velocidade de Vênus e isso relacionado à velocidade de Vênus sobre a velocidade de Marte, tenho uma interpelação recíproca. E quando faço a divisão de duas frações, preciso fazer a multiplicação da segunda fração invertida. Daí eu obtenho $Vênus \times Vênus^2$ em cima, tempo de trajetória de Vênus $\times t$. $Vênus + T^2$ e o mesmo acontece com Marte. Porém, atrás disso se esconde a relação de Vênus para Marte e de Marte para Vênus, assim como é na vida, a minha relação com a doutora Sônia e a relação de doutora Sonia comigo. Isso não é a mesma coisa. Ou seja, cada um com cada um, isso é a vida. Isso nós chamamos na biologia de fenômeno de ressonância e fenômeno de retro-relação. Contudo, Kepler readquire sua inteira fé e confiança no criador e, de certa forma, ele nos apresenta do ponto de vista científico o que Rudolf Steiner nos diz: a Antroposofia quer um conhecimento relacionado ao ser humano. E que um tal conhecimento relacionado ao ser humano sempre se inicie com o conhecimento, com o saber. Aí vêm as perguntas que tentam relacionar isso com

Isso quer dizer, que crianças como que vivenciam essas revelações. E Rudolf Steiner explicita isso a partir da sua visão gigantesca geral de toda essa situação. Vocês sabem que ele falou muito sobre a educação e agora vou revelar-lhes a sua citação preferida. Johannes Kühnl, ontem à noite, contou qual é a sua citação preferida acerca do que é a educação. Para mim é a seguinte: - *toda educação na realidade é autoeducação*. O que o professor pode fazer é criar uma circunstância a mais favorável possível para a criança, na qual a criança, ela própria, se autoeduca. Congruente com a sua forma, a partir da sua mais profunda individualidade, ele tem que se educar. Isto é, quanto menos achamos que podemos doutrinar a criança ou conduzi-la como queremos, tanto melhor para a criança. Por isso, aquilo que vimos ontem com as leis de Kepler é tão importante para que possamos conduzir as crianças, elas precisam ter uma visão, uma evidência interna, a sensação: eu posso compreender totalmente essa lei. O pior é, e ontem já falamos sobre isso, quando sabemos algo que não compreendemos. E esse é o arquétipo da dependência. O que digo agora é difícil: atualmente, nas ciências, a tendência é realmente formar dependência e há pouco espaço para uma real compreensão. E assim é quanto mais especializada for a área das ciências. Assim que alguém tenha uma opinião perante algum âmbito da ciência, de imediato vem um especialista e diz: você não tem ideia, isso é muito mais complicado. Uma atitude assim é oposta à vida espiritual livre, isso é comunidade científica. Na medicina é especialmente difícil. Quando eu estudava medicina, ficava admirada porque o descobrimento de um novo remédio era apresentado com tanta pompa! E todos ficavam admiradíssimos. Um ou dois anos depois esse remédio é retirado silenciosamente do mercado porque os efeitos colaterais são fortes demais. E tudo isso dentro da idéia de uma ciência objetiva produtiva baseada em mil evidências. E quando a gente acompanha e vai atrás disso percebe-se a motivação que existe por trás. Primeiramente, se tem a hipótese, depois tudo isso é testado in vitro, depois são feitos experimentos com animais. Existe então uma fase 1 para estudos clínicos que tem um caráter de projeto piloto, só com poucos pacientes. Depois vêm as fases 2 e 3. Se tudo vai bem e depois de três semanas os resultados são positivos interrompe-se o experimento porque se conclui: os resultados são tão positivos que ministram esse medicamento ao grupo de comparação, aqueles pacientes que não estão tomando o remédio para esse grupo, também, ter a comparação do efeito. É todo um processo bem longo, que engole centenas de milhares de dólares, mas o real exame em pessoas, o experimento em pessoas é relativamente curto. Muitas vezes, utilizando-se o remédio para um tempo mais longo, percebe-se que ele nem é tão bom assim. Mas ninguém quer e nem

pode pagar experimentos que se estendem por longo tempo. Ou seja, essa ciência ‘segura’ nem é tão segura assim, principalmente no âmbito da medicina e ainda assim ela vive da ilusão da certeza. Formas de curas mais naturais que não são comprováveis nesse sistema, muitas vezes, são deixadas de lado, são como que excomungadas. E por isso toda essa luta para que isso não ocorra. Por que é que eu digo isso? Porque ciência é, em todos os tempos, um caminho seguro no qual se pode dizer que, em cada passo, determinada coisa nós sabemos com segurança, em toda a dimensão. E é realmente um crime quando, na escola, onde a parte científica vai se desenvolver, o professor insistir em dizer que ‘isso é ciência, ela é a correta, e esse é o conteúdo que nós temos de saber’. É um crime quando não damos oportunidade aos alunos de se perceberem como os criadores dessa ciência, de se perceberem como ‘Eu mesmo sou o cientista e eu carrego em mim todo o potencial de conhecimento e ninguém de fora precisa me dar e isso. Como Robinson Crusoe, estou numa ilha deserta e posso encontrar tudo por mim’. Possivelmente, demoraria muito, possivelmente não conseguiria em uma vida, precisaria de várias. Em cada encarnação eu preciso estabelecer uma prioridade, mas aquilo que quer me ajudar de fora deve servir apenas para dar suporte à minha própria atividade; nada do que vem de fora deve ter a intenção de me tornar dependente ou incompetente. Como é que nós o faremos concretamente para que isso se efetive na escola?

Vou dar alguns exemplos:

O currículo do primeiro ano: as crianças deveriam fazer observações no caminho até escola, o que hoje não é tão fácil, pois elas vêm de carro. O professor diz: ‘estou ansioso para saber o que vocês vão observar no caminho escolar amanhã. Algo novo que vocês não viram antes. E isso me interessa. Agora, vocês contam para mim’. Deixar contar pequenas observações. Deixar contar o que se vivenciou ontem em casa. Isso não é apenas um treinamento de memória, mas é um exercício do respeito, da consideração. Todos nós temos olhos, mas enxergamos? Todos nós temos ouvidos, mas ouvimos? E quando o ouvimos, o que ouvimos? O que viemos? Em que direção nós direcionamos a nossa atenção? Ainda me lembro quando estive no primeiro ano, o nosso professor fez de maneira excelente. Eu, sentada ali, ficava admirada com tudo o que os meus colegas vivenciavam; as minhas vivências eram menos emocionantes, eu não via tudo aquilo. O meu caminho era curto, eu ia com as minhas irmãs, geralmente a gente conversava e acabava não vendo muita coisa. Mas esses relatos dos outros me chamava a atenção para muitas coisas para as quais valia a pena prestar atenção. Quando às vezes eu vinha sozinha pensava: agora tenho que

que na realidade sabe tudo, dormiu mal durante a noite antes da prova e ainda o professor olhou meio atravessado para ele, dá um branco nele, e ele não se lembra mais, se estressa e não responde mais nada. Depois poderia se estraçalhar no ar de ter sido tão tolo. Quando a ciência se isola, isso acaba se relacionando com atitudes de arrogância, vivências de fracasso e um certo relativismo. E justamente nas ciências os alunos muitas vezes perguntam - por quê eu tenho que saber tudo isso?

A pior experiência que eu tive foi em Witten Annen, ministrando aula no seminário pedagógico. Eu fiz um relato entusiasmado da constituição do ser humano, da antropologia geral do ponto de vista da Antroposofia. Obviamente alguém perguntou onde poderia pesquisar mais acerca do assunto. Eu citei cinco referências bibliográficas. Outro aluno se manifestou e disse ‘tudo isso’? Do outro lado se manifesta outro dizendo: ‘É preciso também saber tudo isso? Eu só pude responder: ‘Vocês não precisam saber nada se não quiserem!’ É terrível! Mas ela percebeu que se trata da frustração em relação às ciências, tudo isso é um peso, esse precisar ter que fazer, que em verdade nada tem a ver com a vida. Por isso é tão importante que, na escola, nós selecionemos assuntos que estão no nosso coração. Rudolf Steiner não indicou que os alunos fizessem cadernos de época para dar trabalho ao professor, ou para que os pais pudessem economizar na compra dos livros. Mas ele não queria que o professor estivesse com um livro aberto diante da classe e dissesse: ‘abram o livro na página 53’, e que os alunos e o professor trabalhassem juntos o livro porque é preciso dar conta do conteúdo. Ou o que eu vi em algumas escolas Waldorf ao assistir aulas em que, na sala, havia uma estante – embora às vezes enfeitada com um véu – e nela encontrava-se o poema de Goethe: *Nobre seja o Homem....*, para que o professor possa espiar durante a recitação, enquanto que os alunos precisam decorar. Isso é esquizofrênico; o professor que deveria sabê-lo, pode dar uma olhadinha e os alunos que definitivamente não o conhecem e vão para escola para aprender, não podem olhar, esses devem decorar. É uma atitude tipicamente científica, sem relação com a vida. Essa postura é algo abstrato, tipo: ‘eu sou o professor, eu sei, estou no nível superior, posso olhar e vocês alunos devem decorar’. E o aluno que, logicamente, ainda não pode refletir mais profundamente acerca disso tudo gera dentro dele um sentimento de que algo não está correto. No entanto, vale para os alunos aquilo que o professor carrega em seu coração ou, quando o professor realmente não consegue gravar alguma coisa, então que seja honesto e diga ‘eu preciso dar uma olhada’. Mas honestamente. Ou que diga: ‘eu estou curioso para saber se amanhã algum de vocês já vai saber falar o poema

ainda não era conhecido pela ciência. Os ritmos anuais, mensais, semanais e circadiano de um dia foram plenamente investigados cientificamente. Nessa classe do décimo segundo ano fiz também a pergunta a eles: qual é a diferença entre algo vivo e algo morto? Procurem defini-lo da forma mais sucinta possível. Durante uma meia hora inteira havia silêncio total. Cada um que descobria algo tomava nota para não incomodar os que ainda estavam pensando. No final, se manifestou uma menina que encontrou uma solução incrível. A vida em relação ao que é morto sempre necessita de um entorno. Algo morto podemos depositar onde quisermos, permanece morto e não incomoda, para ele é indiferente onde for depositado. Aquilo que é vivo necessita do entorno adequado onde possa respirar, nutrir-se, crescer e desenvolver-se. O meio circundante no qual nós nos encontramos e que vivemos tem uma estrutura ritmicamente ordenada. E é óbvio que, depois da conferência nós estamos aguardando um pãozinho, um refresco, frutas e se não o encontrarmos estaremos frustrados. E se não houvesse o lanche nós andaríamos de um lado para outro e reclamando e exercitando o nosso ritmo de uma outra forma. Portanto, o que significa uma ciência que se torne viva? Isso significa que o procedimento de obtenção de conhecimento e também os próprios resultados da investigação aconteçam de forma rítmica, estabelecendo relações e se dissolvendo. (segue do desenho na lousa -Leis de Kepler)

Como eu consigo devolver à vida um fato científico? Quando ciência, arte e religião tornam-se vivos e interagem de forma viva entre si. Cabe então perguntar qual é o aspecto religioso dessa lei acima descrita; qual é o aspecto artístico dessa lei; e qual é o aspecto científico e como estão relacionados entre si? O aspecto científico é a primeira lei de Kepler: todas as trajetórias dos planetas são elipses, nas quais em um dos focos está o sol. Na segunda lei de Kepler, um raio que percorre uma determinada superfície, num determinado tempo corresponde a um outro raio que percorre a mesma superfície, no mesmo tempo, assim temos uma correspondente entre superfície e tempo. Os quadrados do tempo de percorrer determinado trecho da trajetória de dois planetas quaisquer relacionam-se entre si como os cubos da metade do eixo desses dois mesmos planetas. Isso satisfaz plenamente um cientista. É suficiente, é possível anotar num livro, estudar e se no vestibular é perguntado sobre as três leis de Kepler, ao escrever esses enunciados consegue-se a nota máxima; os alunos que não o sabem, recebem uma nota baixa. No entanto pode-se tranquilamente passar pela vida sem saber essas leis de Kepler. Existe alguma coisa assim meio aleatória, mas também algo muito injusto. Pode ser que o aluno casualmente na noite anterior leu estas três leis e tira uma nota ótima apesar de ser mau aluno e o outro,

olhar direitinho.

Toda ciência inicia com assombro, com o estar aberto, com a expectativa pelo novo. Lembro-me uma vez, na primavera: eu nasci depois da guerra e ainda existiam muitas ruas destruídas pelas bombas. E as ruínas estavam cobertas de pequenas flores amarelas de dente-de-leão. Lembro-me de ter ficado parada olhando, admirada pela primeira vez com a vivência de como a natureza, com essas flores tão lindas, cobriam as ruínas tão feias. Quando esses relatos acontecem em sala de aula, o professor precisa cuidar para criar um ambiente certo, que os colegas se percebam mutuamente com respeito para que não surjam comentários depreciativos e aconteça um leve *bullying* nessa situação. Rudolf Steiner ainda diz que o professor precisa lecionar a partir de um processo de orientação artística.

Só amanhã virá o tema sobre a arte, hoje tratarei do aspecto científico no método artístico. O professor conta a história onde no final surge a letra T. A história terminou numa mesa redonda. A cena termina numa mesa maravilhosa com pé forte de carvalho coberto por um forte tampo liso e polido, em torno do qual os cavaleiros estavam sentados junto ao rei. Toda a história tem como objetivo despertar o assombro e fazer com que a criança pense 'eu sei exatamente que se trata de um T (Tisch=mesa); o professor me contou a história para tirar a letra, mas eu também conheço essa história, eu sei como é sentar em volta de uma mesa. Nós duas somos colegas e estamos vendo da onde vem esse T, e nós vamos definir o que é um T'.

Quando o professor define: 'isto é uma letra T', passa a ser uma agressão espiritual. Ele me impõe algo e eu fico na situação - comer ou morrer. É diferente quando diz: 'Olha essa história, pergunta - o que é isso? - e caracteriza ricamente; e depois diz: ' vamos todos fazer isso? - (a palestrante desenhou o T na lousa, fez o gesto do T com a mão e andou no chão por diversas vezes). Exercitar e exercitar essa vivência: eu sou o T, eu tenho o T dentro de mim e eu apenas me conscientizo disso. Rudolf Steiner também fala em trabalhar massinha. O meu professor trazia massinhas e cada um fazia em sua mesa um T, e ele passava pelas carteiras e observava tudo. Não havia o problema da dislexia, tudo ia tão devagar e cada um acompanhava. Mas também na sua classe de 1º ano havia apenas uma criança super rica que tinha uma televisão na sua casa. Isso é realmente tempo passado. Mas o que não é passado é o método, hoje precisamos de mais tempo. O caminho lento é o caminho mais rápido na ciência. Quanto mais sólidas forem constituídas as bases, tanto mais rápido será o avanço. É por isso que o professor precisa ser um artista, caso contrário é muito entediante pela necessidade de

tanta repetição.

Ontem, lendo meus e-mails, vi uma reportagem sobre um artigo científico dos EUA, de Washinhton, distrito onde havia mais de 4.000 professores. Atualmente, nos EUA, existem muitos programas para desenvolver a competência dos professores, porque os alunos que se formam nas escolas não são mais capazes de concorrer com alunos que se formam em outros países. Em 2006, professores foram tão mal nos testes elaborados pelos próprios professores, que 76 desses professores foram demitidos porque a performance era ruim, eles não eram capazes de transmitir o conteúdo da sua aula de forma convincente. Foram avaliadas apenas três competências: 1- performance convincente; 2- as crianças entendem? 3- lidar de forma econômica com o tempo. Eu pensei: agora vão chegar a essa metodologia artística em que o conteúdo flua entre professor e aluno, que o professor apresente a matéria de tal maneira que o aluno entenda tudo num espaço de tempo adequado. De qualquer forma, as aulas eram assim.

Mas agora chega o segundo passo. Eu havia acompanhado uma aula dessas onde estava sentada enquanto tinha que observar cinco crianças com dificuldades e, é claro, também observei o professor. Então chegou o momento de solicitar uma das crianças para escrever o T na lousa. Um menino, lá no fundo da classe, imediatamente se manifestou muito entusiasmado. Ele foi chamado e saiu correndo; quanto mais perto ele se aproximou da lousa, seus passos foram desacelerando; aproximou-se bem do cantinho da lousa, bem devagar e fez o T bem pequeno e com o teto do T inclinado (a palestrante desenhou na lousa) fez-se um silêncio mortal na classe; eu o observei; o menino estava rubro, também percebeu que não estava igual ao outro da lousa. Como médica escolar, pensei: esse aluno está traumatizado para o resto do ano. As primeiras crianças já começam a dar risadinhas. Eu olho junto com os demais alunos para o professor para ver o que ele vai fazer: vai matar o pequeno cientista? Ou vai conseguir uma motivação para o menino continuar? O professor apenas olhou intensamente para o T. O professor era bem jovem, era a primeira turma que levava; era, por assim dizer, possuidor de um dom espontâneo. Infelizmente tornou-se consultor em empresas. Na classe tudo voltou ao silêncio, o professor inspira profundamente e diz: qual mesa o Philip nos desenhou aqui na lousa? De repente todas as risadinhas pararam, todo mundo fica curioso e pensa, é coisa especial que nem tínhamos percebido. Uma menina se levanta e diz: ‘o meu pai é arquiteto e ele faz mesas assim, mas falta algo, Philip esqueceu alguma coisa. Philipp está super ansioso para saber o que foi que ele esqueceu. A menina vem para frente e desenha o que falta, a pequena tábua para que os lápis não

em nome de Cristo; com intenções puras, com boa vontade em nome de Cristo. Nota-se que pedagogia Waldorf está centrada no coração, é nele que está o nome de Cristo, não na cabeça, nem nas mãos das pessoas; os colegas que nos são queridos nós carregamos no coração, não na cabeça e nem na mão, seriam muito pesados, e o mundo divino também carregamos no coração. Como não o compreendemos, não podemos carregá-lo na cabeça, seria por demais complexo. Para tanto, trilhamos lentamente o caminho do conhecimento e cada um se encontra em determinado ponto. É até um milagre que dentro do nosso coração tudo tenha lugar e também não é complicado. É como estar em casa, onde de repente tudo é simples, e nós admitimos apenas o suficiente na nossa cabeça para que o coração não fique sobrecarregado demais; e nós ligamos, vinculamos tanto sangue do coração que irradie para tudo aquilo que nós fazemos e que temos prazer de fazer. A definição mais comovente de Rudolf Steiner é que a pedagogia Waldorf é a linguagem, a inspiração de Jesus Cristo. E Eugen Kolisko, o primeiro médico escolar, tinha isso bem internalizado. Existe uma série de colóquios para os pais que foram conservados, e frequentemente encontram-se frases como estas, por exemplo: o professor está ensinando, lá estão sentadas as crianças, ele passa conteúdo do ensino, se esforça e muitas vezes não percebe que bem discretamente existe a presença de mais alguém no espaço que se move entre os alunos, que caminha entre o professor e os alunos, também caminha entre os pais, as crianças e o professor, e este é Jesus Cristo.

Ainda existe a definição de pedagogia Waldorf com a qual nós nos ocupamos, durante esses dias, e que está ainda bem voltada para o futuro, é quase não realizado ainda. É a seguinte:

Uma ciência que se torna viva; uma arte que se torna viva e uma religião que se torna viva, isso é praticamente todo o ensino; isto é pedagogia Waldorf. O que é uma ciência que se torna viva? Afinal o que significa vivo?

Certa vez, eu dei a época da grande evolução da humanidade numa classe do 12º ano. Parti da matéria do 11º como base - a Citologia -, em seguida abordei a diferença entre as células vivas e aquilo que é morto. Nós já falamos aqui de quando Rudolf Hauschka perguntou a Rudolf Steiner o que é vida. E carinhosamente Rudolf Steiner respondeu: ‘Sr. Hauschka, estude os ritmos’. O ritmo carrega a vida. É uma definição maravilhosa de vida. Principalmente hoje, conhecendo a cronobiologia e a cronomedicina, pelas quais se sabe a relação de cada medicamento com o tempo, e é dito exatamente a hora em que deve ser tomado por ter um papel relevante para a sua eficiência, é porque sabemos que todos os processos vitais são ritmos, isso hoje se sabe, na época de Rudolf Steiner

era a de que o sangue era formado no sistema metabólico, chegava ao coração e era consumido na periferia e constantemente refeito. O jovem respondeu que não poderia ser assim, pois não dá para beber e comer tanto quanto o coração precisa para enviar o sangue ao nosso corpo. O nosso pulso pulsa muito rápido. Ela já tinha contado das dissecações, já sabiam qual era o formato do coração e também sabiam como medir pulsação. Começando a pensar bem sobriamente, percebe-se que tem que ser diferente. Um jovem que possuía uma inteligência prática e que até então não encontrara a forma de colaborar, passou a ser o herói do dia e todos olhavam para ele, o nosso William Harway. ‘Tá vendo, nós também chegaríamos a isso se vivêssemos naquela época’. Quando veio o intervalo, e a sala médica estava voltada para o pátio da escola, aconteceu uma das vivências mais belas que tive como médico escolar: o referido aluno, de manhã, atravessava o pátio arrastado, dava a mão mole, sem molhar para cima, e agora passou a atravessar o pátio como uma nova pessoa, de cabeça erguida, como que erguido de dentro para fora, isso porque ele tinha tido essa vivência da conquista daquilo que é certo a partir de si, o mesmo que *Aufrichtigkeit*, está erguido, retidão. É claro que podemos passar pela vida sem saber que William Harway descobrira que o sistema sanguíneo é um sistema fechado. É claro que existe coisa mais importante. Mas não se passa bem pela vida sem ter essas vivências de uma evidência interna, de uma conquista de algo que se descobre a partir de si, a partir de situação favorável que o professor cria para que isso possa acontecer. É por isso que Sócrates disse que o pedagogo é alguém que ajuda no nascimento (Pay-dhos). Rudolf Steiner diz que o professor deve ser alguém que dá ajuda no estabelecer da autoeducação, autoconhecimento.

Finalizando ouvimos:

Que reine....

Quarta palestra da manhã

O artista trabalha, não conversa. O melhor seria agora formar sete grupos, não dizermos palavra alguma e deixarmos cada grupo em silêncio a exercitar-se, e daí teríamos uma vivência do que é arte. Nossa tarefa, contudo, é redefinir a pedagogia Waldorf. A pedagogia Waldorf normalmente é definida como a educação para a liberdade. Ela é definida como correspondendo à idade cronológica; como solutogenética, promovendo a saúde, mas a definição mais comovente de pedagogia Waldorf é a seguinte; é aquilo que ouvimos aqui diariamente no poema da Pedra Fundamental, que ela é uma inspiração do Cristo. Ela é realizada

escorreguem. Assim é descrita a mesa do arquiteto e o professor pergunta que outras mesas existem. O aluno estava totalmente reabilitado. O professor se revelou como uma pessoa genial que, para mim, como sendo um parceiro para competências e ajudas no nascimento dessas competências, sem exagero de falsos elogios. Ao passar pelas classes, quantas vezes eu vi rostos desapontados quando mostravam os seus trabalhos para o professor e ele apenas dizia ‘que lindo!’. Mas a criança percebe que não conseguiu fazer bem; por um lado a criança quer a confirmação, por outro lado, o produto, por pior que seja, é mais do que se nada fosse. O professor tem que se perguntar como é que ele pode fortalecer o aluno ao entrar no produto do seu esforço para que a dignidade do seu esforço seja dignificada, respeitada. Então, pergunta à criança: ‘o que você pode fazer melhor da próxima vez, aonde é possível dar o próximo passo? Como você vê o caminho da mesa do arquiteto para a nossa mesa que queremos exercitar agora?’ Aí sim, eu compreendi o que Rudolf Steiner quis dizer com caracterizar em vez de definir. Caracterizar sempre tem a conotação de fortalecimento do caráter para os dois – professor e alunos – a abstenção do julgamento, portanto, fortifica a capacidade do caráter. É um aspecto a ser exercitado no decorrer de todos os anos escolares. Infelizmente, por falta de tempo, não poderei exemplificar passo a passo, porque assim que se traz um exemplo precisa-se de tempo. Mas eu ainda quero trazer dois aspectos que evidenciam o caráter totalmente contemporâneo e científico da pedagogia Waldorf. Agora, preciso tocar num tabu e de antemão peço desculpas a todos aqueles que, de alguma forma, se sintam irritados pessoalmente, não é a minha intenção. Uma das professoras que atuou no início da pedagogia Waldorf foi Carolina von Heidebrand, a ela devemos o currículo Waldorf de forma sucinta, chamado de Currículo Heidebrand. No início, eu trabalhava de maneira bem entusiasmada com esse currículo, até que, entre o grupo de médicos, se trabalhou o ciclo de palestras ‘*Discussões Seminarística e Palestras Sobre o Currículo*’. Eu não podia nem acreditar o que Rudolf Steiner compreendia por uma época! Tive a impressão de que através desse currículo Heidebrand cometeu um *pecado original*. Ela havia feito simplificações bem perigosas. O que ela faz? Ela subdividia as épocas em diferentes matérias e nisso estão relacionados dois problemas. Em primeiro lugar, têm mais épocas do que semanas disponíveis no ano. Isso significa que tem que se parar com épocas de quatro semanas escolhendo ritmos menores que não os de quatro semanas e que deixam de subsidiar o corpo etérico. Pois a organização do eu vive no ritmo do dia, são os ritmos do dia. O corpo astral vive em ritmos semanais; o corpo etérico em ritmo mensal; e o corpo físico no ritmo anual. Portanto, as épocas passarão

a atender o corpo astral e não mais o etérico. Quando as forças do eu se tornam livres no âmbito da alma, isso significa **vontade pura**. Quando as forças astrais se tornam livres no âmbito da alma, isso significa **sentimento puro**. Quando as forças da alma se tornam livres, isso significa **pensar puro**.

A corporalidade física se torna cada vez mais competente no âmbito das percepções sensoriais, da sensibilidade. Rudolf Steiner desenvolve o seu conceito de época de tal forma que cada época deveria, na sua configuração geral, trazer a expressão de uma idéia. Uma idéia central, um foco central de aprendizado para cada época, apenas um. E isso é abordado durante quatro semanas, de quatro maneiras diferentes, de forma que o corpo astral seja estimulado por toda essa diversidade e, através dos exercícios diários e do esforço repetido, a vontade se une a isso e o transforma em hábito. E cada ano para o corpo físico. E existem dez diferentes características de tudo aquilo que é vivenciado; e cada ano traz dez diferentes qualidades, dez diferentes formas de iluminar o todo e as férias ainda trazem algo particular. E o corpo físico pode amadurecer e se torna sensível e habilidoso.

Vou dar um exemplo dessa ideia central por meio de uma época, no sétimo ano, que eu mesma ministrei. O professor de classe necessitava de uma pausa e eu fui solicitada para dar essa época. Naquele tempo, eu ainda era estudante de medicina em Marburg. Eu entrei no sétimo ano, por quatro semanas, como uma estudante de medicina totalmente inexperiente. Eu li o que precisava ser feito na época e inicialmente me senti bem derrotada. Questões concernentes à saúde em geral: drogas, álcool, alimentação e higiene, dormir e acordar, ou seja, um âmbito geral da higiene e saúde. Pois isso está no currículo de sétimo ano, antes que desperte completamente o egoísmo pela própria saúde. Mas isso é apenas um aspecto, também deve-se oferecer uma descrição bem ampla e completa sobre as implicações que isso tem na economia e nos meios de comunicação. Apenas uma pequena preparação!

Antes de tudo é preciso compreender por que essa relação entre saúde e comunicação. Rudolf Steiner queria que a saúde individual claramente fosse comparada e justaposta à saúde social. A maneira como o sangue percorre pelas artérias têm a ver com o fato de o homem ser mais ou menos saudável; a maneira como o dinheiro flui entre bancos, empreendimentos financeiros e a vida privada e os lares; essa forma como o dinheiro flui faz com que o social seja mais ou menos saudável. Bancos são cálculos biliares, sedimentações que impedem o bom fluxo do sangue nas artérias. Essa concepção de crescimento, crescimento, crescimento que o ultrapassa a concepção econômica é, no fundo,

algo canceroso, um crescimento sem fim. Quando numa bolsa de valores, de repente, tem um rendimento de 25%, eu fico com vontade de chorar, pois esse crescimento absurdo aqui significa pobreza, pobreza, pobreza do outro lado. Na União Europeia, para manter o preço de determinados alimentos, toneladas e mais toneladas de leite e mantimentos foram destruídos, porque seria extremamente caro o envio desse excedente para países pobres; quem pagaria? A economia de subvenção tem algo de patológico. E nada dá uma imagem melhor de saúde global do que o organismo humano, e quando com essa imagem de homem eu observo as relações dentro do âmbito econômico, dentro do âmbito da comunicação, de imediato tenho uma imagem do que é doente e saudável nesse âmbito social. Nós temos sorte, se no fim da época, as crianças ao menos entenderam um aspecto. Um conceito bastante flexível em geral de que saúde tem a ver com o equilíbrio, com uma boa divisão, com justiça, com equanimidade. E quanto destrutivas e danosas são as drogas; que saúde sempre é uma luta onde é necessário abster-se de determinadas coisas, e que se apenas se segue os próprios desejos, as próprias cobiças, deixando que lá fora o mundo político e econômico continuem do jeito como estão, participa-se de uma *patologização* do nosso mundo.

Ainda um exemplo do décimo ano. A indicação curricular é que se aborde a organização dos órgãos internos em relação ao anímico. Como professora não muito experiente, na primeira noite antes do início geralmente não dormia de medo dos alunos, mas isso é uma situação na Alemanha, eu sei que no Brasil os alunos são mais amorosos. Eu possuía uma foto da classe, decorei os nomes e agora me encontrava diante da classe, pálida, tentando cumprimentar individualmente cada aluno (eram enormes) e eu achei que era bom começar com o coração. Então, pensei de que forma eu poderia fazer com que o cientista interior de cada um fosse engajado. Eu contei para os alunos que na época de William Harway, no início da nova era científica, se sabia sobre a circulação sanguínea. Disse: Harway foi o primeiro a descobrir que a circulação sanguínea é um sistema fechado. Por que antes dele não era possível saber? O que aconteceu que Harway de repente percebeu e pôde trazer o novo paradigma da circulação sanguínea fechada? Os alunos ficaram pensando, pensando, podiam conversar entre si e discutir as teorias. E, de repente, um aluno se manifestou. Antes do início da época, este menino me foi apontado como difícil: não participa; se opõe a estudar, não colabora. Ele estava sentado sozinho à mesa, entretido em certos ritmos e, de repente, parou e começou a participar, eu o percebi. E aí aconteceu o milagre, realmente o milagre, tudo o que os outros alunos falavam não estava correto e justamente esse aluno teve a resposta certa. Antes de Harway, a teoria